

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

VÍTOR CARNEIRO MARINHO PRADO

JORNALISMO E NEURODIVERSIDADE

Os sentidos produzidos pelo discurso jornalístico do portal G1 sobre o transtorno
bipolar

Porto Alegre

2023

VÍTOR CARNEIRO MARINHO PRADO

JORNALISMO E NEURODIVERSIDADE:

Os sentidos produzidos pelo discurso jornalístico do portal G1 sobre o transtorno bipolar

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Basilio Alberto Sartor

Porto Alegre

2023

VÍTOR CARNEIRO MARINHO PRADO

JORNALISMO E NEURODIVERSIDADE

Os sentidos produzidos pelo discurso jornalístico do portal G1 sobre o transtorno bipolar

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Basilio Alberto Sartor - UFRGS

Orientador

Prof.^a Dr.^a Aline do Amaral Garcia Strelow - UFRGS

Examinadora

Prof. Dr. Felipe Moura de Oliveira - UFRGS

Examinador

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu pai, Wilson, meu amigo e maior exemplo. Agradeço meu irmão, Thiago, meu melhor amigo desde sempre. Ainda agradeço minha mãe, minha maior confidente, que sempre me emprestou os ouvidos e me deu carinho. Agradeço por me auxiliarem até aqui e me apoiarem em tudo que me propus a fazer. Sobretudo, agradeço também por estarem comigo na descoberta do meu diagnóstico e me ajudarem a construir uma vida saudável. Agradeço à minha avó Marilda, que me alfabetizou. Ela faz parte dos meus pensamentos e minhas palavras, me deu gosto pela leitura e pela escrita. Ainda agradeço minha cachorrinha de suporte emocional, a Pitaya, minha companhia e amiga incondicional. Agradeço ainda minha esposa, parceira e companheira, Julia. Com ela me descubro todos os dias, encontro segurança, paz de espírito e amor.

“Which of my feelings are real? Which of the me's is me? The wild, impulsive, chaotic, energetic, and crazy one? Or the shy, withdrawn, desperate, suicidal, doomed, and tired one? Probably a bit of both, hopefully much that is neither.”

Kay Redfield Jamison

RESUMO

O objetivo geral deste trabalho é o de compreender os sentidos que o jornalismo constrói acerca da neurodiversidade, a partir de seu discurso sobre transtorno bipolar, buscando identificar os sentidos construídos a respeito do tema. A pesquisa tem como metodologia a análise do discurso. objetivos específicos temos: a) Discutir a relação entre jornalismo e neurodiversidade; b) Analisar a maneira como o transtorno bipolar é abordado no jornalismo especializado em saúde e abaixo de outras editorias; c) Identificar se o discurso do jornalismo, dentro do recorte realizado, corrobora para uma visão estigmatizante acerca da saúde mental ou para a construção de novos significados que promovem a cidadania para pessoas neurodivergentes. A partir da análise do *corpus*, composto por 36 matérias publicadas entre 2013 e 2023, são identificadas, ao todo, 118 sequências discursivas, que, agrupadas, formam quatro formações discursivas: Patologizante, Estigmatizante, Neurodiversidade e Romantização. Conclui-se, com base nos dados, que a visão predominante do jornal acerca das formações discursivas é de oposição aos sentidos evocados da Neurodiversidade

Palavras-chave: Neurodiversidade; Análise de Discurso; Jornalismo; Transtorno Bipolar

ABSTRACT

The overall aim of this study is to comprehend the meanings that journalism constructs about neurodiversity through its discourse on bipolar disorder, seeking to identify the constructed meanings regarding the subject. The research employs discourse analysis as its methodology. The specific objectives are as follows: a) Discuss the relationship between journalism and neurodiversity; b) Analyze how bipolar disorder is addressed in health-focused journalism and other editorial sections; c) Identify whether the journalism discourse, within the conducted scope, contributes to a stigmatizing view of mental health or to the construction of new meanings that promote citizenship for neurodivergent individuals. Based on the analysis of the corpus, comprising 36 articles published between 2013 and 2023, a total of 118 discursive sequences are identified, which, when grouped, form four discursive formations: Pathologizing, Stigmatizing, Neurodiversity, and Romanticizing. It is concluded, based on the data, that the predominant view of the newspaper regarding these discursive formations is in opposition to the evoked meanings of Neurodiversity.

Keywords: Neurodiversity; Discourse Analysis; Journalism; Bipolar disorder

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Ocorrência de formações discursivas.....	39
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Matérias que compõem o <i>corpus</i> da pesquisa.....	33
---	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 JORNALISMO E DISCURSO.....	15
3 COMUNICAÇÃO E SAÚDE.....	22
CAPÍTULO 4 NEURODIVERSIDADE, TRANSTORNO BIPOLAR E JORNALISMO..	25
4.1 Neurodiversidade e Transtorno Bipolar.....	25
4.2 Transtorno Afetivo Bipolar: Aspectos Nosológicos da Condição.....	26
4.3 Jornalismo Científico e Jornalismo Especializado.....	28
4.4 Jornalismo Especializado em Saúde.....	31
CAPÍTULO 5 - ANÁLISE DA COBERTURA DO PORTAL G1 SOBRE O	
TRANSTORNO BIPOLAR.....	33
5.1 O portal G1.....	34
5.2 Corpus de Pesquisa.....	34
5.3 Metodologia de Pesquisa e Análise de Discurso.....	38
5.1.1 Formação Discursiva “Patologizante” (FD1).....	41
5.1.2 Formação Discursiva “Estigmatizante” (FD2).....	44
5.1.3 Formação Discursiva “Neurodiversidade” (FD3).....	52
5.1.4 Formação Discursiva da “Romantização” (FD4).....	56
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	61

1 INTRODUÇÃO

Segundo dados de 2019 da OMS, cerca de 40 milhões de pessoas vivem com transtorno bipolar no mundo. Ainda segundo o mesmo estudo, a condição é a sexta maior causa de desocupação¹. Os dados são mais alarmantes quando o assunto é saúde mental e suicídio - de acordo com pesquisas desenvolvidas pelo National Institute of Mental Health², uma pessoa com o transtorno possui uma expectativa de vida de 9,2 anos menor que uma pessoa não acometida pela doença. Ainda com relação aos números do instituto, cerca de 25% das pessoas acometidas pelo transtorno podem apresentar pelo menos uma tentativa de suicídio ao longo da vida. No que diz respeito ao uso e abuso de substâncias, estudos epidemiológicos apontam que os diagnósticos de abuso e dependências de substâncias são mais frequentes em pessoas com transtornos de humor do que na população em geral. Nesse sentido, um estudo feito nos Estados Unidos mostrou que o abuso e dependência de substâncias ocorrem em 61% das pessoas com Transtorno Bipolar do Tipo I, 48% em pessoas com Transtorno Bipolar do Tipo II, 27% em pessoas com Transtorno de Depressão Maior e apenas 17% na população em geral (Kessler, 2004).

No que diz respeito à realidade brasileira, o número de diagnósticos do Transtorno Bipolar chega a 4%, segundo a Associação Brasileira de Transtornos Afetivos (Abrata)³. Os dados da Abrata ainda revelam que em algum momento da vida mais de 20% da população está sujeita a desenvolver transtornos de humor.

Faz-se importante pontuar a gravidade da condição para a qualidade de vida das pessoas que a possuem: segundo a ABTB (Associação Brasileira de Transtorno Bipolar), estima-se que entre 30% e 50% das pessoas com transtorno bipolar tentam suicídio⁴ - sendo assim, a condição bipolar é a maior causadora de suicídio no mundo entre todas as outras neuropatologias. Nesse sentido, ainda é importante pontuar que o pensamento proveniente do

¹ World mental health report: Transforming mental health for all. <https://www.who.int/publications/i/item/9789240049338>. Acesso em 17/08/2023

² Suicide Risk in Bipolar Disorder: A Brief Review. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6723289/>. Acesso em 17/08/2023

³ Transtorno bipolar atinge 4% dos adultos; saiba mais sobre a doença <https://www.abrata.org.br/transtorno-bipolar-atinge-4-dos-adultos-saiba-mais-sobre-a-doenca/>. Acesso em 17/08/2023

⁴ Especialista diz que transtorno bipolar é a doença que mais causa suicídios. <https://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-09-15/especialista-diz-que-transtorno-bipolar-e-doenca-que-mais-causa-suicidios>. Acesso em 17/08/2023

transtorno bipolar, ciclotimia ou qualquer outro transtorno afetivo, faz mais parte do cotidiano, imaginário popular e construto cultural do que qualquer outro dada a relação entre neurodiversidade, criatividade e o temperamento artístico. Nesse sentido, antes de nos aprofundarmos na discussão em relação aos aspectos concernentes à relevância da temática, faz-se necessária a definição do transtorno afetivo bipolar: o TAB é um distúrbio psiquiátrico caracterizado pela alternância de episódios de depressão, euforia e momentos assintomáticos entre ambos⁵. Num aspecto nosológico, e segundo o (DSM-V, 2013), o transtorno pode ser dividido em tipo 1

Assim, a relevância do tema se dá de forma significativa justamente por conta da presença do pensamento neurodiverso no nosso cotidiano: por meio de produtos artísticos como o cinema, poesia, artes cênicas, pintura, música e literatura. Isso ocorre justamente por conta da ocorrência do Transtorno Afetivo Bipolar em artistas como vamos citar a seguir. Nesse sentido, faz-se imprescindível citar Kay Jamison (1996) e seu livro *Touched with Fire: Manic-Depressive Illness and the Artistic Temperament*. A obra da autora contempla uma análise e possível ligação existente entre o Transtorno Bipolar, Depressão Maior e outras psicopatologias crônicas, com o temperamento artístico - sendo a autora e psicóloga uma das maiores estudiosas do assunto:

The fiery aspects of thought and feeling that initially compel the artistic voyage — fierce energy, high mood, and quick intelligence; a sense of the visionary and the grand; a restless and feverish temperament—commonly carry with them the capacity for vastly darker moods, grimmer energies, and, occasionally, bouts of “madness.” These opposite moods and energies, often interlaced, can appear to the world as mercurial, intemperate, volatile, brooding, troubled, or stormy. In short, they form the common view of the artistic temperament, and, as we shall see, they also form the basis of the manic-depressive temperament. Poetic or artistic genius, when infused with these fitful and inconstant moods, can become a powerful crucible for imagination and experience. That impassioned moods, shattered reason, and the artistic temperament can be welded into a “fine madness” remains a fiercely controversial belief. Most people find the thought that a destructive, often psychotic, and frequently lethal disease such as manic-depressive illness might convey certain advantages (such as heightened imaginative powers, intensified emotional responses, and increased energy) counterintuitive. For others it is a troubling or unlikely association that conjures up simplistic notions of the “mad genius;” bringing with it images of mindless and unaesthetic reductionism as well as concerns about making into disease something that subsumes vital human (JAMISON, 1993, p.12)

⁵ TRANSTORNO BIPOLAR. <https://drauziovarella.uol.com.br/doencas-e-sintomas/transtorno-bipolar-2/>
Acesso em 17/08/2023

A partir da sua obra, Jamison busca desmistificar a excentricidade do “gênio artístico”, que de forma recorrente é romantizada em excertos literários, biografias, entre outros produtos midiáticos - utilizando, para isso, sua experiência clínica como psicóloga; pessoal, como portadora do transtorno bipolar e acadêmica, como pesquisadora da área. Ao longo de seu trabalho analisa toda uma série de excertos literários e análises biográficas de diversos autores de forma mais ou menos complexa, trazendo ao final do livro um apêndice com artistas, compositores e escritores que apresentaram possíveis quadros de ciclotimia, depressão maior ou transtorno bipolar. Entre eles temos: Charles Baudelaire, T.S. Eliot, Victor Hugo, Robert Lowell, Vladimir Mayakovsky, Boris Pasternak, Sylvia Plath, Edgar Allan Poe, Ezra Pound, Honoré de Balzac, Charles Dickens, William Faulkner, F. Scott Fitzgerald, Nikolai Gogol, Graham Greene, Ernest Hemingway, Henry James, Herman Melville, Leon Tolstoy, Tennessee Williams, Virginia Woolf, Emile Zola, Robert Schumann, Peter Tchaikovsky, Jeremiah Clarke, George Frederic Handel, Gustav Holst, Bernd Alois Zimmerman, Charles Parker, Cole Porter, Paul Gauguin, Vincent van Gogh, Michelangelo, Adolphe Monticelli, Edvard Munch, Jackson Pollock, entre outros.

Nesse sentido, faz-se importante circunscrever o jornalismo dentro do seu papel de criação das representações sobre o imaginário em relação à saúde mental, neurodiversidade e transtorno bipolar. Isso, dado seu caráter legítimo de narrador da realidade, com a finalidade de jogar luz à discussão. Nesse sentido, no decorrer do trabalho veremos que a comunicação em saúde assume uma característica fundamental a partir da Constituição de 1988. Segundo (Kucinski, 2000) a concepção de um novo direito à cidadania, no universo da saúde, traz ao jornalismo sobre saúde, um valor político que engendra novas funcionalidades e responsabilidades: como a reafirmação pedagógica da instituição jornalística acerca das questões sanitárias, defesa do avanço de políticas públicas em saúde para determinados grupos sociais que não era contemplados anteriormente, além do trabalho em comunicação na medicina preventiva. A partir deste ponto, veremos que a própria noção do avanço das políticas públicas para determinados grupos minoritários, depende também do avanço na complexificação do jornalismo e sua atividade discursiva e temática. É nessa esteira que o jornalismo especializado em saúde será capaz de abordar a saúde mental, o Transtorno Afetivo Bipolar e a experiência, ainda que em recortes, da neurodiversidade.

Assim, e considerando-se as questões apresentadas anteriormente o objetivo geral deste trabalho é o de compreender os sentidos que o jornalismo constrói acerca da neurodiversidade, a partir de seu discurso sobre transtorno bipolar. Analisando, para isso, um conjunto de reportagens e notícias dentro do recorte dos últimos 10 anos de publicação do jornal G1. Já no que diz respeito aos objetivos específicos temos: 1) Discutir a relação entre jornalismo e neurodiversidade; 2) Analisar a maneira como o transtorno bipolar é abordado no jornalismo especializado em saúde e abaixo de outras editorias; 3) Identificar se o discurso do jornalismo, dentro do recorte realizado, corrobora para uma visão estigmatizante acerca da saúde mental ou para a construção de novos significados que promovem a cidadania para pessoas neurodivergentes.

No segundo capítulo posiciono o jornalismo enquanto gênero discursivo, a partir do principal referencial teórico que é Benetti (2008), traçando um paralelo com o contrato de comunicação de Charaudeau (2004). Ainda passamos pela noção de formações imaginárias de Pêcheux (1990) e definições de gênero primário e secundário de Bakhtin (1992). Posicionado, pois, o contrato de comunicação, iniciamos a discussão e definição da análise de discurso a partir de Orlandi (1988), e utilizando Foucault (1995) para trabalhar o conceito do discurso segundo as suas condições de produção, bem como utilizando suas ideias de sujeito. Berger e Luckmann (2008) ainda completam a discussão na medida em que entrelaçam a necessidade do exercício da concisão e interpretação da realidade dentro da subjetividade para conhecer o mundo dentro de uma “realidade coerente”. Ainda nesse sentido, abordamos as condições de finalidade e propósito do jornalismo: a primeira num sentido de definição do jornalismo como instituição social a partir de Franciscato (2003) e a segunda sob o prisma de Bourdieu (1997) e Wolf (2003). Por fim, é a partir de Benetti (2008), Pêcheux (1990), Maingueneau (2001) e Cornu (1999) que nos aprofundamos na condição de identidade e dispositivo do jornalismo para finalizar o primeiro capítulo e posicionar o jornalismo como gênero discursivo.

No terceiro capítulo, alcunhado de Comunicação e Saúde, iniciamos a discussão abordando, por meio de Ratzan (1997) a perspectiva de que as modificações vividas pela sociedade ao longo do tempo, e no último século, colocaram a comunicação sobre saúde sob um novo enfoque: o da cidadania. Assim, é segundo Kucinski (2000) que a informação jornalística em saúde trabalhará na perspectiva cidadã - a partir da sua possibilidade de comunicação de seus valores pedagógicos, campanhas sanitárias e medicina preventiva. O

autor ainda definiu a necessidade de o jornalista não se limitar tão somente pelas categorizações das disciplinas médicas - mas dialogar com elas para construir uma visão crítica da realidade. Nesse sentido, ainda o autor reforça que se trata de uma necessidade para dar conta de uma construção não estigmatizante da realidade. Ainda no capítulo, cito (Rodrigues, 1999) para dialogar com a noção de campo dos media e os regimes de colaboração e enfrentamentos que se estabelecem em torno da narrativa sobre a saúde.

O capítulo quatro trata primeiramente das definições acerca do tema da neurodiversidade segundo (Singer, 1999), que não se limita a uma perspectiva patologizante proveniente da medicina no que diz respeito às condições de autismo, transtorno afetivo bipolar, depressão, entre outras; mas as pontua como diferenças do pensamento - trazendo o conceito de “nova categoria humana”. Já na segunda seção do capítulo, retomamos a história nosológica do transtorno bipolar por meio de Porto (2004) e do (DSM-V, 2013): em que o transtorno passa por uma revisão para deixar de ser tratado como uma síndrome maníaca-depressiva, para ser concebido como Transtorno Afetivo. Ainda são citados nesse trecho do capítulo Goodwin e Jamison (1990) e Kraepelin (1989). Na terceira parte do capítulo, dou conta da reflexão acerca do jornalismo científico e jornalismo especializado a partir de Oliveira (2002), que traça um panorama histórico sobre a produção periódica da comunicação em saúde voltada à divulgação científica e jornalismo científico. Na sequência, contextualizo a questão na história do Brasil a partir de Bueno (2009) e introduzo o conceito de jornalismo especializado utilizando o referencial de Tavares (2009). É com Berganza Conde (2005) que pontuamos a evolução histórica do jornalismo especializado a partir de uma necessidade da audiência cada vez mais diversa. Na quarta seção do capítulo, traço um panorama histórico do jornalismo especializado a partir da sua ligação com a evolução da medicina no Brasil, utilizando Miranda (2014), Edler (1998) e Oliveira (2014).

Por fim, o capítulo cinco trata da análise propriamente dita: primeiramente apresento o Portal G1, bem como sua relevância no aspecto midiático e do jornalismo. Na sequência trato da definição do *corpus* de análise e posiciono a Análise de Discurso como a metodologia propriamente dita. Nesse ponto, a Análise trará como referências Benetti (2007), Bakhtin (1979;1981), Orlandi (2001), além de Pinto (1999). Após isso, aplico o método de pesquisa no *corpus* composto por 36 textos que teve como resultado a identificação de quatro formações discursivas : FD1 - Patologizante; FD 2 - Estigmatizante; FD 3 - Neurodiversidade e FD 4 - Romantização. Ainda nesse sentido, foram encontrados os

seguintes sentidos: 1) distúrbio, problema, doença mental, transtornos, medicamentos, sintomas, sinais e surto; 2) Normal, saudável, luta, loucura, agressividade, surto, alucinação, drogas e álcool; 3) tratamento, qualidade de vida, cuidado contínuo, particularização do transtorno, contra o estigma, alternativas e complementos à medicação 4) genialidade, criatividade, midiaticização e personalidade notória.

2 JORNALISMO E DISCURSO

Neste capítulo estará disposta a discussão sobre o jornalismo enquanto gênero discursivo. Deste modo, faz-se importante evocar Charaudeau (2004) para compreender que o estudo do gênero discursivo possui quatro pontos de vista possíveis - funcional, enunciativo, textual e comunicacional. Nesse sentido, a perspectiva funcional sobre o gênero

possui uma linearidade a partir do emissor que, segundo Benetti (2008), não dá conta da complexidade dos fenômenos discursivos engendrados pelo jornalismo. Ainda na esteira das impossibilidades, as perspectivas enunciativa e textual tampouco nos interessam aqui - pela insuficiência em abarcar as relações intersubjetivas e de poder existentes no gênero jornalístico - apesar de trazerem contribuições para compreensão da narrativa e do discurso, bem como intertextualidade; no caso do primeiro; e sistematização do entendimento de aspectos formais do texto; no caso do segundo. Dessa forma nos resta a perspectiva comunicacional, que no campo da análise de discurso e semiótica possui maior aderência com o estudo dos gêneros e discurso jornalístico. Tal aderência se deve principalmente ao fato de que nesta perspectiva são levadas em consideração as condições de “produção, circulação e interpretação do discurso” (BENETTI, 2008); ou seja, o posicionamento do discurso dentro de um contexto histórico e social - este fato, e segundo Charaudeau, permite que os gêneros do discurso sejam entendidos como gêneros situacionais. Neste ponto o autor quer dizer que a situação de produção do discurso submete a forma textual e a organização do próprio discurso enquanto elementos de articulação e definição do gênero.

Ainda na esteira da discussão sobre o gênero jornalístico, será necessário circunscrever neste trabalho as definições de esferas da linguagem na comunicação para estabelecer o conceito de gênero primário e secundário de Bakhtin (1992) - em que o primeiro se dá na “comunicação cotidiana” e o segundo na “comunicação construída”. Nesta proposta de divisão e caracterização dos gêneros, o secundário é aquele no qual o jornalismo e como gênero está, assim como os gêneros ficcionais e acadêmicos que possuem uma natureza elaborada e pensada - e que estão dentro desta concepção situacional, inserida dentro de um contexto histórico, social e cultural; e sistematizada. Outro referencial teórico que será utilizado neste trabalho é Maingueneau (2001) que coloca o discurso sobre o eixo do tempo, o que torna possível a compreensão de que o gênero, assim como o discurso em si, pode se desenvolver e se modificar ao longo do tempo. Para este trabalho, esta concepção em especial será de fundamental importância, dado que no que diz respeito à saúde, a comunicação deve alterar-se para compreender as mudanças na forma de se interpretar determinadas condições humanas (patológicas ou não); essa mesma alteração deve ser observada nos discursos construídos sobre esse objeto em especial. Assim também será necessária a compreensão da limitação ou elasticidade de determinados gêneros em relação à sua capacidade de aprofundamento e reflexão para dar conta de fenômenos tão mutáveis quanto a saúde e a saúde mental - tema central do trabalho. Dessa forma, de antemão é possível estabelecer-se

uma hipótese de que a notícia enquanto gênero não daria conta de tal aspecto reflexivo; podendo, dessa forma, a reportagem cumprir esse papel.

Após essa introdução, com alguns recortes que visam evidenciar o jornalismo como gênero discursivo; precisaremos abordar este tema de forma mais direta - para isso, é interessante compreender o conceito de sujeitos para AD. Nesse sentido, Bakhtin (1996) estabelece a premissa de que todo discurso é dialógico, ou seja, o dialogismo acontece primeiro entre os sujeitos e a segunda forma de dialogismo seria entre os textos (numa concepção ampla não somente linguística). Trata-se da ideia de que o discurso foge ao sujeito, e o retira do centro deste processo - de maneira que o processo de significação e produção de sentidos é descentralizado. Essa noção é fundamental para trabalharmos a ideia de recepção da mensagem e de que a audiência é também construtora dos significados, assim como pontua Orlandi (1988). Nesse sentido, a ideia de Foucault (1995) de que os discursos são produzidos segundo condições materiais específicas e estruturantes nos permite inferir que a situação comunicacional envolve mais de um sujeito - para além do produtor e emissor - construindo uma rede de percepções sobre todo sistema discursivo, nos conduzindo novamente à ideia de que o discurso não pertence somente ao sujeito falante, mas àquele que recebe de fato a mensagem, e aquele imaginado. Mas é a partir dessa ideia de um sujeito ou ainda, de um sistema discursivo descentralizado que podemos começar a pensar no jornalismo enquanto gênero e nas fragilidades daquilo que viria a se entender como objetividade e imparcialidade. Para além do conceito de um sujeito descentrado, há que se jogar luz sobre a ideia de ilusão discursiva de Pêcheux (1988) que só existe a partir da materialização do esquecimento em suas duas esferas - a primeira em que o sujeito se coloca como início e fim do discurso e a segunda que faz parte de uma escolha de pensamentos que se materializam em textos. O que o autor quer dizer aqui é que o segundo esquecimento é de que o sujeito estabelece de forma mais ou menos complexa, uma teia de pensamentos que o orientam para escolhas comunicacionais e discursivas que garantem a noção de enquadramento - das palavras cortadas num exercício de concisão à margem demarcada para aquilo que fica no extraquadro de um plano fotográfico - tudo tem sentido, e à tudo se pode atribuir significado seja para aquilo que é mostrado ou que se deseja permanecer oculto.

É nesse sentido de necessidade do exercício da concisão para a construção de uma realidade coerente, que Berger e Luckmann (2008) compreendem que a realidade é interpretada e advinda do exercício da subjetividade, assim, possui seus sentidos capazes de construir um “mundo coerente”. A partir da compreensão desse fenômeno discursivo,

pode-se iniciar um entendimento de fato sobre o jornalismo enquanto gênero, na medida em que o jornalista produz de certa forma uma teia de pensamentos, na esfera da cognição, que posteriormente são estruturados de forma mais ou menos complexa para concretizar-se em matéria jornalística. Nesse sentido, esse discurso não se constrói sem que existam premissas específicas que sejam observadas, em que a realidade é interpretada pelo jornalista segundo fatos, que por sua vez somente existem a partir de tal interpretação (Cornu, 2008) - É aí que se dá a construção de tal realidade, alicerçada na interpretação daquilo que é tomado como factual. Para compreender o papel do jornalista nesse processo entre a interpretação e a materialização do discurso também é necessário abordar o conceito de formações imaginárias de Pêcheux (1990) - que trata do (re)conhecimento que o jornalista deve ter sobre quem ele é e com quem ele fala. Segundo Benetti (2008), trata-se de um conceito fundamental para a compreensão do jornalismo enquanto gênero na medida em que há um reconhecimento do leitor. A autora ainda pondera um último conceito que nos é fundamental: o da estrutura de comunicação tripartida entre aquele que enuncia e seus dois leitores - o virtual e o real - sendo ambos de fundamental importância neste processo, pois delimitam a produção de sentido no discurso.

Para dar continuidade à discussão e balizar o jornalismo na esfera do discurso faz-se importante abordar o conceito de contrato de comunicação de Charaudeau (2006) e sua relação com a Análise do Discurso. Para Charaudeau o contrato de comunicação é composto por dados externos e internos, de modo que os dados externos configuram a troca entre os sujeitos e suas determinadas condições; já os dados internos estabelecem os espaços de construção do discurso. Em relação às condições do contrato, a condição de identidade estabelece o posicionamento entre o sujeito falante e o destinatário. Por sua vez, a condição de finalidade delimita o objetivo da comunicação construída entre os sujeitos, assim como a condição de propósito que circunscreve do que se trata o ato comunicacional; e a condição de dispositivo cujo objetivo é compreender o ambiente de tais trocas num sentido de produções e técnicas engendradas para tal. Já no que diz respeito aos dados internos o “como se diz” é o que importa, e para isso configuram-se três espaços - de locução, relação e tematização. O primeiro espaço refere-se ao sujeito legitimado por sua autoridade de falante em relação ao destinatário; já o segundo se constrói a partir do momento em que as identidades estão configuradas, permitindo a construção de relações entre os sujeitos que participam do processo comunicacional. Por fim, o espaço de tematização é onde são tratados os saberes a partir de modos discursivos singulares.

Transversal ao contrato, segundo Benetti (2008) a análise de discurso pouco leva em conta essa sistematização em sua integridade, mas o seu reconhecimento nos permite compreender que a configuração dos espaços comunicacionais existem somente a partir do momento em que dispositivos e finalidades também estão configurados. Assim, ao levarmos em consideração todo esse conjunto de regras podemos posicionar o jornalismo como gênero na medida em que possui suas diversas finalidades - construídas e delimitadas dentro dos mais diversos posicionamentos e formas de apreensão da disciplina. Dessa forma, podemos entender o jornalismo sob o prisma de campo social (BERGER, 1998; FERREIRA, 2002), dotado de uma axiologia própria e que se relaciona com outros campos; como forma de conhecimento e ciência social aplicada (GENRO FILHO, 1987), mas também como instituição social - dado que possui um papel singular e fundamental para a sociedade. É nesse sentido, em que se encaixa a *condição de finalidade do jornalismo*. Dessa forma, podemos pensar o jornalismo como instituição social a partir da ideia de que este possui um papel social e definições específicas que garantem uma singularidade em relação a outras instituições:

[...] a definição social do jornalismo está na passagem do acontecido para seu relato que, para Bourdieu, pertence ao poder simbólico (poder de consagrar pessoas e instituições) e faz parte da função mediadora da imprensa, não encontrando-se em nenhuma outra instituição, social ou cultural, a mesma competência (BERGER, 2003, p. 22).

Essa competência advém do caráter de legitimidade para tal exercício de função mediadora:

Como instituição social, o jornalismo cumpre um papel social específico, não executado por outras instituições. A instituição jornalística conquistou historicamente uma legitimidade social para produzir, para um público amplo, disperso e diferenciado, uma reconstrução discursiva do mundo com base em um sentido de fidelidade entre o relato jornalístico e as ocorrências cotidianas (FRANCISCATO, 2003, p. 22).

Ainda no sentido de compreensão do jornalismo como instituição para, a partir disso, depreender suas finalidades de produção do discurso, faz-se importante ressaltar o que constrói tais finalidades: a condição de credibilidade como uma instituição que detém a autoridade enunciativa do falar; mas sobretudo, do falar da realidade dentro de um quadro narrativo. Logicamente, esse mesmo posicionamento surge de uma construção histórica que coloca o jornalismo como instituição cujo falar deveria vigiar a democracia e cidadania (Benetti, 2008). Apesar disso, o jornalismo como empresa utiliza seu espaço de legitimidade,

não apenas visando contribuir para a construção da cidadania:

Ao contrário, o jornalismo é muitas vezes utilizado para forjar um consenso social a respeito de temas e modos de ver o mundo, construindo uma visão hegemônica que pouco pode ter a ver com os interesses do cidadão ou com a complexidade social (BENETTI, 2008, p.22).

Ancorado na condição de finalidade constituída pelo fato de o jornalismo assinalar-se como uma instituição, a *condição de propósito* - ou seja, ‘do que se trata a comunicação’ - diz respeito às temáticas abordadas dentro do discurso narrativo. Nesse sentido, em que pesem as diferentes Teorias do Jornalismo, neste artigo serão considerados os conceitos de valores-notícia, critérios de noticiabilidade e seleção de notícias pertinentes ao paradigma construcionista do jornalismo. É a partir destes dispositivos - e com alguma, mas não total autonomia - que o jornalista realiza suas escolhas e estabelece seus recortes do mundo real para narrar. Dessa forma, a condição de propósito está atravessada pelos valores-notícia, que funcionam como um “óculos” (Bourdieu, 1997) pelo qual o jornalista enxerga a realidade. Wolf (2003) enumera cinco pressupostos implícitos para sistematizar os valores-notícia: substantivos, aqueles relativos ao conteúdo, de produto informativo e suas características, critérios vinculados ao meio de comunicação, critérios concernentes ao papel da representação que os jornalistas fazem do seu público e critérios ligados à concorrência.

No que diz respeito à condição de identidade referente aos dados externos que compõem o contrato de comunicação, podemos dizer que a identidade deriva da compreensão da condição de propósito e finalidade, e que a partir delas, constrói-se não só a identidade de quem fala (jornalista) mas também, para quem se fala (audiência, leitor ou espectador). Segundo Benetti (2008), podemos compreender a condição de identidade a partir do prisma das formações imaginárias de Pêcheux (1990), em que num discurso temos dois sujeitos na forma de quem enuncia (A) e o destinatário (B) e que se encontram num dado contexto social onde, no processo comunicacional, temos um efeito de sentido entre ambos. Esse efeito de sentido seria constituído por um imaginário social formado por relações de poder - ou seja, construído culturalmente. Assim, o desconhecimento dos sentidos fica a cargo da ideologia, e é sob esse desconhecimento que se dá o processo discursivo: de forma que cria-se a ilusão de que o efeito de sentido produzido na comunicação tenha sentido único. Por isso tem-se a ilusão de que os sujeitos são a fonte do sentido (ilusão esquecimento nº 1) e de que têm domínio do que dizem (ilusão esquecimento nº 2).

A partir dessas definições, podemos elencar duas das quatro formações imaginárias postuladas por Pêcheux que interessam ao jornalismo; a) a imagem do lugar de B para o sujeito colocado na posição de A configura a notação “Quem é ele para que eu lhe fale assim?” e b) Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B - “Quem sou eu para que ele me fale assim?”. A primeira formação imaginária guia o jornalista em relação ao seu processo de desvendar quem é seu leitor, podendo ser esse um processo especulativo com base no conhecimento sensível do jornalista ou ainda amparado em dados. Ainda no que diz respeito à condição de composição da ideia de leitor:

Registre-se que há outros sujeitos, além do leitor virtual, que o jornalista imagina para seu texto: há também a voz institucional que o emprega, seu editor, seus colegas de profissão e suas fontes, entre outros interlocutores possíveis. Todos esses sujeitos constituem leitores virtuais que entram em jogo no momento de produção do discurso. (BENETTI, 2008, p.23)

Por sua vez, a notação b) “Quem sou eu para que ele me fale assim” materializa a condição de leitor real em que o leitor encontra-se no texto, ora representado de maneira a sentir-se reconhecido; ora parcialmente. A parcialidade dessa representação parece conduzir, contudo, o leitor ao exercício de reconhecimento do jornalista e sua legitimidade discursiva. Por fim, chega-se à condição última: *a de dispositivo* que delimita as condições materiais e imateriais de produção do discurso. Nesse sentido, encontram-se os constrangimentos enfrentados pelos jornalistas em sua atividade profissional (Benetti, 2008), algo que afeta as escolhas no processo de produção do texto. Há que se notar o crescente número de ataques aos jornalistas e que podem ser evidenciados por números de estudo da Abraji (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo): somente em 2022 foi registrado um aumento de 23%⁶. Além disso, à condição de dispositivo também pertencem as questões técnicas da produção do discurso (MAINGUENEAU, 2001) e o próprio acesso às fontes.

Por fim, Benetti (2008) determina os dados internos (como se diz) do contrato de comunicação como uma condição específica - *a condição textual*. Nesse sentido, trata-se do conjunto de técnicas, táticas e estratégicas que tem por objetivo conferir o efeito de real à narrativa jornalística. Dessa maneira, vale retomar a perspectiva do jornalismo enquanto disciplina do conhecimento oriunda das ciências sociais - definindo-se como uma ciência

⁶ Ataques mais graves a jornalistas dobraram em 2022. <https://abraji.org.br/noticias/ataques-mais-graves-a-jornalistas-dobram-em-2022> Acesso em 17/08/2023

social aplicada - que pode incorporar aspectos das outras ciências, como métodos e saberes: a autora refere-se principalmente à atividade de apuração, e que nesse caso poderíamos colocar como exemplo a incorporação de saberes antropológicos (Lago, 2004) em que teríamos toda a condição de dispositivo transversalizada pela disciplina antropológica - da apuração, pré-produção até produção do texto. O mesmo vale para outros métodos de apuração como o jornalismo de dados, análise de dados, pesquisa de mercado, entre outros. Dessa forma, a preocupação com o efeito de verdade, deve-se principalmente pela necessidade de garantir a legitimidade do jornalismo enquanto uma voz credenciada para interpretar e descrever determinados acontecimentos:

Sendo o jornalista responsável pela verdade, a objetividade, como intenção na ordem dos fatos, não pode ser simplesmente expulsa a favor de uma honestidade definida muito vagamente. Se tivéssemos de exprimir a sua exigência por meio de um só critério prático, esse critério seria o do rigor no método. O rigor é ir ao fundo das investigações materialmente realizáveis, no tempo dado para essas pesquisas. É a recolha de todos os fatos confirmados disponíveis. É tudo que se opõe à falsificação, à deformação, à mentira. O rigor é um caminho banalizado, no qual a jurisprudência dos tribunais reconhece a necessária diligência jornalística. Perante o objeto fugaz que é o acontecimento, apanhado ‘no som e na fúria’ da história, o jornalista não está dispensado de recorrer aos instrumentos elementares de sua deontologia, afim de garantir uma correta descrição dos fatos: publicar unicamente informações cuja origem conhece, ou senão acompanhá-las das reservas necessárias; não suprimir informações essenciais; não alterar nem textos, nem documentos; republicar uma informação publicada que se revele inexata. (CORNU, 1999, p. 391, grifos do autor)

A compreensão do jornalismo enquanto gênero discursivo, portanto, da-se a partir da circunscrição do jornalismo no contrato de comunicação de Charaudeau: delimitando e definindo suas condições de finalidade e de dispositivo, que subordinam o “como se diz”, além da sua condição de identidade e propósito.

3 COMUNICAÇÃO E SAÚDE

Contudo, há que se notar que neste trabalho é relevante ainda diferenciar o jornalismo em saúde dos demais. Nesse sentido, o jornalismo enquanto instituição produz diferentes formas de representação sobre seus objetos, sendo assim, a saúde não é diferente. Afinal, para essa especialidade existe um jogo de forças entre os sujeitos do ato comunicacional muito particular. De modo geral, as mudanças demográficas, o avanço da ciência e toda a relação homem-natureza, bem como o conceito-doença e as mudanças na forma como relações de

gênero são compreendidas fazem do jornalismo um dos eixos principais para se (re)desenhar o imaginário acerca daquilo que se compreende por saúde, algo que vai muito além da clínica-médica, mas que a complementa. Dessa forma, as transformações culturais vividas nos últimos anos colocaram essa pauta sob um novo holofote no que diz respeito à luta por direitos à saúde e cidadania:

A comunicação em saúde e meio ambiente tornou-se a matriz de um novo padrão de relações sociais entre agentes de saúde e cidadãos, baseada na interlocução, participação e co-responsabilidade nas decisões de saúde (Ratzan, 1997, p.224).

A partir de um silogismo podemos compreender que decorrente da sua legitimidade, o jornalismo possui autoridade e dever de construir representações acerca da saúde que contribuam para a cidadania, por se tratar de um direito fundamental garantido na constituição de 1988 e outros órgãos como a OMS. Trata-se, portanto, de uma concepção sobre direitos universais relativamente recente, de maneira que:

A concepção desse novo direito de cidadania ativa, no campo da saúde, confere à informação jornalística sobre saúde, sobre políticas públicas e terapias de saúde, um valor político na esfera da cidadania, além de seus valores pedagógicos tradicionais em campanhas sanitárias e na medicina preventiva, ou de seu entendimento como “jornalismo de serviço”. Por extensão, tornam-se objetos privilegiados de cobertura jornalística, vigilância e crítica, às políticas públicas de saúde dirigidas a grupos populacionais, como as campanhas de prevenção da aids ou de detecção do câncer da mama. (KUCINSKI, 2000, p.183)

Dessa forma, faz-se importante posicionar o jornalismo e o jornalista enquanto instituição e sujeitos da ação comunicacional para avançarmos no melhor entendimento de qual tem sido a contribuição desses entes para o avanço da pauta cidadã. Nesse sentido, posicionar o jornalismo em saúde sob o prisma da análise de discurso torna-se especialmente pertinente neste trabalho, afinal, dentro de sua *condição de finalidade* o jornalista veste-se da sua credibilidade advinda do caráter legítimo de instituição para interpretar a realidade dentro deste caráter medicinal e de qualidade de vida. Assim, terá que dentro de sua atividade realizar uma complexa seleção de materiais e fontes de informação que se encaixam aqui no aspecto de *condição de dispositivo*:

O jornalista que hoje cobre problemas de saúde não pode mais se limitar às categorias definidas pela prática médica dominante. Deve poder dialogar

com essa prática médica a partir de uma postura crítica. Ao jornalista, por sua ética, cabe uma visão holística do processo saúde-doença, e a consciência do relativismo da prática médica dominante. Para isso, necessita de conhecimento e noções de filosofia da ciência. (KUCINSKI, 2000, p.183)

Portanto, com a finalidade de construir uma representação da realidade que garanta o a defesa do interesse público do discurso jornalístico - e seu caráter de serviço - será necessário o diálogo não somente com fontes da classe médica, mas também com pacientes e sociedade de forma geral. Dado que a pluralidade de vozes garantem inclusive um recorte que dê conta das experiências sensíveis da relação homem-natureza. Nesse sentido, os novos conceitos de saúde-doença e sua necessidade de serem contemplados em políticas públicas tornam o jornalismo essencial para a garantia não somente do acesso aos serviços de saúde, combate de endemias, mas também de geração de qualidade de vida para a população. Assim, apesar de construir uma realidade apreensível a partir de sua legitimidade, há que se pontuar que o jornalismo o faz por meio da sua capacidade de elaborar representações no imaginário que são tomadas como factuais. Essa capacidade, por sua vez, conduz o jornalismo à qualidade de “tecnologia do imaginário” (SILVA, J., 2012) - conceito especialmente importante para analisar a produção de sentido que o jornalismo constrói em relação àquilo que é “normal” ou patológico. Com isso, segundo Kucinski (2000) é papel da mídia reconstruir também a narrativa por ela mesmo gestada acerca da saúde mental; dado que por muitos anos, suas representações reforçaram estereótipos que criaram um afastamento sistemático de determinados indivíduos e grupos sociais do restante da sociedade e de suas próprias famílias. Nesse sentido, a *condição de identidade* aplicada à lógica narrativa em saúde nos permite compreender de que maneira o jornalismo reforça estereótipos ou constrói efeitos de sentido entre os participantes do ato comunicacional acerca desse tema. Isso pois o jornalista em seu lugar de “quem sou eu para que lhe fale assim” constitui uma narrativa que, por muitas vezes, assume o lugar imaginário e enunciativo ligado à normalidade. Outro papel que o jornalista pode assim é o de detentor de conhecimento suficiente e necessário para construir esse efeito de sentido sobre o destinatário, é o que vemos com relação à abordagem midiática em relação à AIDS e da qual o jornalismo fez parte:

Novos estereótipos foram criados e estereótipos antigos reforçados em abordagens que se revelaram equivocadas, centradas em “grupos de risco”, inspiradas em visões moralistas ou religiosas do mundo, e não em conceitos

epidemiológicos. Da estigmatização dos aidéticos⁷ surgiu todo um imaginário da doença, que deles subtraiu o direito básico ao tratamento integral e humano. Em torno da Aids, no entanto, organizou-se em todo o mundo uma enorme gama de movimentos populares e Organizações Não Governamentais (KUCINSKI, 2000, p.184).

Ainda no sentido das formações imaginárias na produção do discurso jornalístico, a audiência constituída por seus leitores reais e virtuais (“quem sou eu para que me fale assim”) são construtoras do significado e coautoras no processo de entendimento sobre aquilo que está sendo dito. Dessa forma, no jornalismo de saúde tornam-se implicadas questões diversas sobre como a audiência receberá o discurso. Isso se deve ao fato de o jornalismo compor o Campo dos Media (Rodrigues, 1999) na forma de uma das suas instituições mediadoras. Assim, a relação entre os campos possuem uma incidência sobre o caráter institucional (empresa) e individual (jornalista) no momento da seleção das notícias e construção narrativa. Dessa forma, pode-se afirmar que existe um regime ora de disputa, ora de colaboração nas narrativas sobre a saúde, na medida em que o jornalismo pode representar tanto através de uma forma alinhada exclusivamente à medicina, ou ainda estabelecer uma comunicação crítica sem tender à medicalização da vida. A discussão sobre as condições de dispositivo retornam em especial posição, pelo fato de que a mediação terá seus enfrentamentos ou colaborações:

Esta natureza informal da simbólica do campo dos media é um factor importante de equívocos das relações entre membros do corpo social do campo dos media e membros dos corpos sociais de campos que possuem simbólicas formais (clero, magistrados, professores, militares). Mas é igualmente um dos factores que está na origem da ambivalência vivida no decurso dos processos de modernização dos campos sociais que possuem uma simbólica formal. Essa modernização é encarada, por um lado, como abandono de marcas formais distintas, indispensável à sua imposição num mundo secularizado, mas, por outro lado, como perda da sua invisibilidade pública, da conseqüente afirmação e reconhecimento da sua legitimidade por parte do público. (RODRIGUES, 1999)

A saúde como objeto da narrativa do jornalismo, se encaixa aqui, por exemplo no caso de a moralidade e o campo religioso penetrarem sobre o discurso com toda a sua ordem axiológica, invisibilizando-se muitas vezes e construindo um efeito de sentido sobre a normalidade e patologia que não possuem caráter epistemológico ou científico. É o caso do

⁷ Atualmente o termo aidético caiu em desuso devido ao seu viés estigmatizante. O UNAIDS - O UNAIDS é um programa conjunto das Nações Unidas que tem como objetivo liderar e coordenar a resposta global à epidemia de HIV/AIDS - recomenda a utilização de termos como: “pessoa vivendo com HIV”, pessoa soropositiva, HIV positiva ou positiva.

entendimento sobre a loucura, dos direitos das mulheres à liberdade sexual e de outros grupos minorizados que neste caso não se reconhecem, ou estabelecem irmandade com o discurso jornalístico, questionando-o ou silenciando-se.

CAPÍTULO 4 NEURODIVERSIDADE, TRANSTORNO BIPOLAR E JORNALISMO

Neste capítulo abordaremos a definição de Neurodiversidade, enquanto conceito proveniente da sociologia e Transtorno Bipolar, num caráter de definição nosológica a partir do histórico da condição. A partir dessas definições principais, será traçado um panorama sobre o jornalismo científico e jornalismo especializado, bem como sobre suas definições que darão origem para a forma como conhecemos atualmente o jornalismo especializado nos temas da saúde e saúde mental.

4.1 Neurodiversidade e Transtorno Bipolar

O termo *neurodiversidade* foi alcunhado pela primeira vez por Judy Singer em 1999. A socióloga australiana e portadora da síndrome de Asperger concebeu o termo em seu texto cujo título era “*Por que você não pode ser normal uma vez na sua vida? De um "problema sem nome" para a emergência de uma nova categoria de diferença*” (Singer 1999). Segundo a autora, a condição neurológica divergente ou neuroatípica não deveria ser algo a ser curado ou concebido de forma estigmatizante, mas simplesmente como uma conexão neurológica distinta e de comportamento singular. Dessa maneira, a condição neurodivergente deveria ser, sobretudo, respeitada como qualquer outra diferença - sexual, racial, entre outras. Centrada na discussão acerca do autismo, Singer compreende que tal condição faz parte de uma “nova categoria humana”, não havendo a necessidade de curá-la; ou seja, a própria intenção de se produzir uma cura sobre o indivíduo neurodivergente remete a característica atípica ao viés de doença ou patologia. Ainda na esteira da nosologia e definições acerca de determinadas condições mentais, o historiador Charles Rosenberg reflete sobre a relevância que as entidades patológicas possuem no seio da sociedade, dado que a partir de muitas delas, orientamos ações e pensamentos, de forma coletiva e individual:

Estamos nos acostumando, no decorrer das últimas décadas, a negociar em público o estatuto nosológico de numerosas doenças psiquiátricas, a maioria das quais possui uma natureza problemática. Talvez o caso mais gritante dos debates acerca da legitimidade epistemológica de uma categoria de doença psiquiátrica tenha acontecido no início dos anos 1970, quando a Associação de Psiquiatria Americana decidiu votar pela inclusão ou não da categoria de homossexualidade por ocasião de uma revisão do DSM. (ORTEGA,2008,p.481)

Ainda nesse sentido, a ideia do presente trabalho não é dar conta da validade das discussões referentes à ontologia e nosologia, bem como aprofundar nos processos que ocorrem quando das revisões da classe médica acerca de uma patologia, mas compreender que a validação social para determinadas condições se faz importante e que o jornalismo faz parte desse processo. Isso ocorre a partir das discussões pautadas pelos jornalistas nesse jogo de forças entre os campos e instituições sociais. Além disso, ao posicionarmos a neurodiversidade e a saúde como conceitos em construção e revisão constante, precisamos compreender de que forma o transtorno bipolar se encaixa em cada um desses eixos.

4.2 Transtorno Afetivo Bipolar: Aspectos Nosológicos da Condição

Assim, em relação à forma médica e no que diz respeito ao transtorno bipolar, a história da sua nosologia nos remete primeiramente aos termos da melancolia e mania, que remontam de vários séculos. Nesse sentido, Areteu da Capadócia, que viveu no século I depois Cristo já abordava ambas as condições de uma forma unificada - sendo um dos primeiros teóricos a estabelecer um vínculo entre mania e melancolia - concebendo ambas como elementos constitutivos e distintos de uma mesma doença. Apesar disso, foi somente no século XIX, na França, que os estudos sobre o transtorno afetivo bipolar tomaram forma - com Falret (1851) e Baillarger (1856) - para dar bases para uma mudança na nosologia psiquiátrica referente à patologia. Nesse sentido, o transtorno foi alcunhado - de forma independente e distinta - como *folie circulaire*, pelo primeiro; e *folie à double forme*, pelo segundo. A diferença mais marcante entre ambas abordagens são os "intervalos lúcidos" considerados apenas no trabalho de Falret. Segundo Porto (2004), apesar da contribuição dos franceses, ao final do século XIX grande parte da clínica ainda considerava mania e depressão como doenças distintas, crônicas e deteriorantes. Dessa maneira, foi Kraepelin que separou a psicose em dois grandes grupos - demências precoces e insanidade maníaco-depressiva - contribuindo para as visões nosológicas que ainda compõem os Manuais Diagnósticos atuais. Outra contribuição do trabalho de Kraepelin foi a consideração

e valorização de aspectos psíquicos e sociais existentes no quadro clínico da condição bipolar, levando em consideração inclusive, a história familiar do paciente. O autor apresentou diversas contribuições na sistematização e classificação do transtorno bipolar, e uma de suas maiores contribuições foi o conceito de episódios mistos (Kraepelin, 1919) - fortalecendo as bases para a compreensão unitária da doença - e o que viria se chamar de espectro bipolar (Goodwin e Jamison, 1990). Outros teóricos do campo médico foram de fundamental importância para a conceituação da condição bipolar, como Angst, Perris e Winokur, que diferenciam a depressão unipolar e bipolar - definição fundamental para a compreensão de tal condição.

Atualmente o DSM-5 - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - caracteriza Transtorno Afetivo Bipolar como uma doença de componente genético que produz alterações de humor. (DSM-5, 2013, p.123) No que diz respeito aos aspectos nosológicos e classificatórios dessa condição, o sujeito portador do transtorno apresenta alterações de humor que envolvem quadros maníacos e/ou hipomaníacos, depressivos e estáveis ao longo de sua vida. Nesse sentido, do ponto de vista da neurodiversidade o sujeito bipolar se encaixaria dentro do pensamento neuro atípico, dotado de uma maneira singular de pensamento e que possui determinadas características específicas, as quais podem ser trabalhadas como objeto narrativo jornalístico sem que haja uma estigmatização por interferência da moralidade dentro deste quadro. Ainda que de forma breve, a partir dessas definições técnicas e em termos históricos em relação ao conceito de neurodiversidade e transtorno bipolar, precisamos discutir qual o papel do jornalismo em relação à saúde e também posicioná-lo historicamente. Nesse sentido, será de fundamental importância compreender a história sucinta do jornalismo científico e jornalismo especializado em saúde.

4.3 Jornalismo Científico e Jornalismo Especializado

No que diz respeito à história do jornalismo especializado em saúde, podemos dizer que foi oriundo dos esforços para se construir primeiramente um jornalismo batizado como científico. Dessa forma, de acordo com Oliveira (2002) foi o alemão Henry Oldenburg que iniciou o jornalismo nesta senda, criando o periódico *Philosophical Transactions* em 1665. Apesar disso, foi somente entre os séculos XIX e XX que o jornalismo científico deixou seu

caráter informal - baseado em relatos de cartas - para se apropriar efetivamente de um método. Assim, foi durante o período da primeira guerra mundial (1914-1918), pela necessidade de reportar aquilo que os cientistas estavam fazendo que o jornalismo científico lançou suas bases dentro de um caráter mais formal:

As duas guerras mundiais certamente contribuíram para o avanço do jornalismo científico na Europa e nos Estados Unidos. Tanto que após a Primeira Guerra Mundial, jornalistas dos dois continentes, ávidos por reunir informação e conhecimento para interpretar as novas tecnologias bélicas, criaram as primeiras associações de jornalismo científico. Na Europa, a Inglaterra tomou a dianteira novamente, capitaneada pelo jornalista Richard Calder, que escrevia sobre ciência no Daily Mail desde o final da década de 1930 (OLIVEIRA, 2000, p.87).

Segundo Miranda (2014), o termo jornalismo científico constituiu-se como uma terminologia ampla utilizada por outras áreas. De modo que, considera-se jornalismo científico a produção de conteúdo baseada na ciência e comunicada em determinados meios; já a divulgação científica seria um produto que tivesse como objetivo divulgar a ciência para um grupo amplo da sociedade. Desse modo, a divulgação científica abrange uma série de outras experiências sociais para além do texto jornalístico. A partir desse entendimento, no Brasil, o jornalismo científico tem como principal nome no início da sua história no século XVIII, Hipólito da Costa:

Na verdade, os seus primórdios coincidem com a própria história da imprensa brasileira, visto que nosso pioneiro, Hipólito da Costa, fundador do Correio Braziliense, já o praticava no final do século XVIII. A partir de um contato estreito com os cientistas, muitos deles compartilhando a condição de seus amigos e suas fontes, a quem recorria com frequência e aguçada curiosidade, Hipólito da Costa produziu notícias e relatos, especialmente, versando sobre as maravilhas da botânica, da agricultura e sobre as doenças que grassavam ao seu tempo. Evidentemente, como acentua José Marques de Melo, tais relatos carecem de “difusão pública, embora estejam sintonizados com o espírito da época”. (BUENO, 2009, p.115)

Segundo o autor, o processo de construção do jornalismo dentro do viés científico já fazia parte do DNA da imprensa brasileira, e a Universidade teve papel crucial no estabelecimento do jornalismo dentro do universo da Ciência e Tecnologia a partir da primeira guerra (1914-1918). Nesse sentido, o professor José Marques de Melo foi um dos responsáveis pela inserção dos primeiros projetos de jornalismo científico no Brasil dentro da

universidade, coordenando, pois, diversos grupos acadêmicos nesse sentido - e contribuindo para o processo de profissionalização, não somente dos jornalistas de forma geral, mas também do jornalismo em C & T. Há que se notar, que ainda em 1930, José Reis já se assinalava como um dos expoentes em jornalismo científico ao divulgar diversas pesquisas como colunista do Jornal Folha de São Paulo. Em 1977, o jornalista foi eleito inclusive o primeiro presidente da Associação Brasileira de Jornalismo Científico, fundada no mesmo ano. Imbuída de caráter formal, profissional e específico, as publicações de jornalismo científico ganharam corpo e massa crítica, se avolumando nas universidades, mas também em toda uma série de periódicos e meios de comunicação, desde as publicações segmentadas em revistas científicas como “a Galileu, merecendo ainda menção a Pesquisa Fapesp, a edição brasileira da Scientific American e o relançamento, com nova proposta editorial, da Ciência e Cultura, da SBPC, estas duas últimas ocorridas em 2002” (BUENO, 2009, p.119). Além disso, surgiram editorias e cadernos em jornais tradicionais para tratar deste mesmo tema, principalmente a partir da década de 80 - O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo, Jornal do Brasil e O Globo.

Assim, podemos dizer que o jornalismo científico no Brasil, assim como em outros países, está atrelado ao próprio desenvolvimento da ciência e tecnologia em si (em termos materiais e de conhecimento); sendo de fundamental importância como objeto jornalístico, disciplina capaz de amplificar e democratizar esse tipo de discurso para além do universo acadêmico. Logicamente, que ao tratarmos do jornalismo científico, e ao dizermos que dele derivam-se outros temas mais segmentados da ordem tecnológica e das ciências, precisaremos abordar e delimitar aquilo que se compreende por jornalismo de segmento, para, por fim, falarmos do jornalismo em saúde. Nesse sentido, Tavares (2009) observa que para tratarmos de tal tema precisaremos levar em consideração “três manifestações empíricas” ligadas ao caráter de especialização: “1) A especialização pode estar associada a meios de comunicação específicos (jornalismo televisivo, radiofônico, ciberjornalismo etc) e 2) a temas (jornalismo econômico, ambiental, esportivo etc), ou pode estar associada 3) aos produtos resultantes da junção de ambos (jornalismo esportivo radiofônico, jornalismo cultural impresso etc).” Nesse sentido, nos importa a segmentação acerca dos temas principalmente. Ainda segundo Tavares (2009), duas perspectivas balizam a questão: a primeira de cunho técnico e a segunda de viés conceitual - sendo esta a mais relevante para este trabalho, dado que nos permite pensar a evolução da produção jornalística na área da saúde. Como já pontuado, a evolução histórica do jornalismo para um caráter cada vez mais

segmentado está não somente ligada à complexificação dos temas sociais, científicos, econômicos e políticos, mas também ao próprio público, cada vez mais diverso em toda a sua ordem, do consumo ao comportamento:

Sobre esta última questão, diz Berganza Conde: “la especialización periodística es fruto, en gran medida, de las exigencias de la audiencia, cada vez más diversa, que demanda contenidos específicos – como lo son sus intereses – y que éstos se aborden en profundidad y rigor. En definitiva, con calidad informativa” (BERGANZA CONDE, 2005, p. 39).

Ou autor ainda complementa

[...]como diz Quesada Pérez, “la actual heterogeneidad de las actividades sociales, sumada a la creciente especialización científica y laboral, hacen precisar al público de una información completa y exacta de sus núcleos de interés” (QUESADA PÉREZ, 1998, p. 26). (TAVARES, 2009)

4.4 Jornalismo Especializado em Saúde

A história do jornalismo especializado em saúde está ligada também à história da medicina brasileira. Nesse sentido, segundo Miranda (2014) é especialmente a partir do século XIX que o jornalismo científico, ainda nos moldes daquela época, volta-se às discussões na perspectiva das questões higiênicas “que inauguraram todo um conjunto de tecnologias de controle e disciplina do corpo (...) para as medidas de controle coletivo, que priorizariam as regras sociais de prevenção” (Edler, 1998, p. 174). Não por coincidência, os termos ligados ao campo semântico da “ordem médica” tornam-se recorrentes, atribuindo a essas entidades um caráter legitimador sobre, não somente a saúde, mas aos corpos. Ou seja, é nesse período que a medicina ganha corpo em termos de força discursiva no campo da verdade e da cura - como uma formação discursiva de cunho ideológico, dado que manifesta-se no campo simbólico da produção de textos que eram veiculados. Foi em 1870 que o periodismo médico, no formato supracitado de revistas especializadas, que houve a consolidação da imprensa médica na sociedade: “mais que as instituições acadêmicas oficiais, asfixiadas pelo entraves burocráticos impostos pela administração imperial, tornou-se instrumento (...) de propaganda e persuasão política dos grupos reformistas” (Edler, 1998, p. 179).” Nesse sentido, como eram divulgados, ainda entre os pares de uma corte formada por elites privilegiadas, aquele discurso tinha a capacidade de instituir-se como verdade absoluta.

Nesse sentido, faz-se fundamental a compreensão de que o discurso, ainda que não construído dentro da empresa jornalística como é conhecida atualmente, está ligado à uma ótica sanitária e, sobretudo, curativa. Construído nesses moldes, o periodismo voltado à Saúde pode ser dividido sob duas formas atualmente:

Para isso as mídias jornalísticas costumam codificar as notícias da saúde em duas grandes categorias: uma ligada à promoção da saúde (avanços da ciência, modos de cura, descoberta de novos medicamentos, novas tecnologias e procedimentos para a erradicação de doenças ou de combate aos agravos de saúde, entre outras coisas), e outra a movimentos imprevisíveis no âmbito da sociedade envolvendo diversos tipos de ocorrência relacionados à política, a grupos sociais, a especialistas, e autoridades, a governos e/ou ao cotidiano dos serviços o campo da saúde. (OLIVEIRA, 2014, p.35)

Segundo o autor, no primeiro recorte podemos observar um interesse das entidades jornalísticas na promoção da saúde e salvaguarda dos interesses da cidadania. Ou seja, trata-se do crescimento “da oferta de bens de serviço ligados a estilos de vida cuja produção simbólica sugere e estimula os indivíduos a cuidarem de si mesmos” (Oliveira, 2014, p.35). Nesse sentido, esse conjunto de notícias e matérias transformam o jornalismo em fontes de avanço na ciência a partir da veiculação de do discurso de especialistas, políticas e uma possibilidade de hábitos cotidianos que são “exemplares” de como manter a saúde e a qualidade de vida ao construir nexos causais entre hábitos positivos ou negativos para tal:

Todas estas informações afetam de modo espetacular o cotidiano dos indivíduos, a relação que mantém com seu corpo e as expectativas que nutrem com relação à vida. Os homens se percebem capacitados a programarem suas vidas com o fim de evitarem virtuais possibilidades de adoecer. Isto faz com que cada um de nós sejamos portadores de virtualidades e que possamos programar nossos futuros a partir das informações que obtemos sobre um corpo que nos é anunciado e que assumimos como sendo nosso. (BRUNO, 1997, p. 77)

Neste trabalho em especial não caberá a discussão da possibilidade que existe do jornalista abordar determinadas questões de saúde orientadas a veiculação de anúncios ou pautas orientadas a uma angulação ou outra da informação que tenham interesse explícito ou não na defesa de determinadas questões políticas, científicas ou de ordem industrial-farmacêutica. Ainda assim, cabe a menção de que tal é possível. De toda forma, segunda característica; àquela orientada aos “movimentos imprevisíveis” diz respeito ao “núcleo duro do jornalismo” e está relacionada às controvérsias, falhas e ineficiências do serviços, instituições ou governos em relação à saúde (OLIVEIRA, 2014, p.36), que acontecem na sociedade e que por sua relação ou possibilidade de acontecimento tornam-se objeto jornalístico. Com isso, dada a condição de acontecimento, a seleção das notícias os incidirá de uma forma ou de outra, a depender da instituição que julgar ser de interesse da opinião pública ou não ressaltar os fatos. Logicamente, que é entre esses dois grupos de formações discursivas que se estabelecem os cursos de uma disputa ou colaboração entre os campos, na medida em que determinadas ordens axiológicas estabelecem uma relação. Tais tensionamentos tornam-se flagrantes mediante as duas formas do “modo de dizer” - ora numa perspectiva triunfalista da ciência-cura, ora numa relação complexa de saúde-sociedade. Nesse sentido, Sfez (1996) torna evidente tal dimensão de disputa do corpo e de sua

significação de que o corpo, invariavelmente mutável é objeto e sujeito do ato comunicacional:

O corpo vai à desforra, reaparece na frente do palco, exige cuidados, uma atenção constante, oferece-se como sujeito e como objeto. Radiografado, auscultado em suas menores dobras, substituído por pedaços, enxertado em todos os sentidos, prometido à sobrevivência de seus órgãos, o corpo humano é fonte e foco de pesquisas, tecnocientíficas e paracientíficas, provocando uma inflação de proibições e de injunções que confluem num discurso de mídia bastante confuso e de práticas autoritárias até o totalitarismo: governos, comunidades científicas, “sábios” reunidos em comissões de vigilância chamadas “bioéticas” tomam medida sobre medida. (Sfez, 1996, p.41)

Nesse sentido, não somente o jornalismo, mas outros campos como o campo da saúde realizam sobre os corpos uma pressão que os compõem, delimita e constrói. Logicamente, as pesquisas, as matérias jornalísticas e os discursos podem ter a intenção de promover a cidadania e o acesso à informação; mas somente a noção de que o fazem mediante categorizações e escolhas de enquadramento nos basta para compreender que no ato da seleção ou categorização, algo da experiência sensível é deixado de fora.

CAPÍTULO 5 - ANÁLISE DA COBERTURA DO PORTAL G1 SOBRE O TRANSTORNO BIPOLAR

Neste capítulo será abordada a análise da cobertura jornalística do portal de notícias G1 acerca da temática do transtorno bipolar num recorte temporal que vai de 2013 a 2023. Nesse sentido, o intuito é analisar uma seleção ou recorte dessas matérias a partir da filtragem das mais relevantes em relação ao volume de acessos no site. Assim, antes de entrarmos na análise propriamente dita, precisaremos posicionar a metodologia de análise escolhida - Análise de discurso - apresentar o portal, bem como discriminar o corpus e seus critérios de seleção.

5.1 O portal G1

O Portal G1 foi criado em setembro de 2006 como um produto jornalístico pensado de forma direta para os meios digitais - sendo a primeira iniciativa do Grupo Globo concebida exclusivamente para esse meio. A inauguração do portal se deu com a cobertura, já naquele ano, das eleições presidenciais. Foi em 2008 que o G1 se tornou o líder em audiência e até hoje conta com 55 milhões de usuários por mês (segundo dados do próprio site)⁸. A relevância do portal não se dá somente pelos números alcançados, mas por conta de suas redações espalhadas em todos os estados do Brasil. Com o slogan “A informação é o que importa” o G1 conta com uma equipe de mais de 400 jornalistas e 52 redações cuja cobertura acontece em tempo real e 24h por dia. O portal ainda permite que o usuário tenha acesso a todo tipo de conteúdo pertinente ao grupo - como o próprio jornalismo da TV Globo, além da Globo News, rádios Globo e CBN, bem como os jornais O Globo e Diário de São Paulo; contando ainda com a revista Época, entre outras publicações.

5.2 Corpus de Pesquisa

Com a finalidade de construir o corpus desta pesquisa, foram pesquisados os termos “transtorno bipolar” e “bipolaridade” na ferramenta de busca do portal G1; delimitando, para isso, o período de 2006 à 2023, na tentativa de construir um corpus amplo. A escolha desse período para a consulta dos dados se deve ao fato de o portal ter iniciado suas operações a partir de 2006. Apesar disso, no primeiro processo de recorte do corpus, foram considerados apenas os últimos 10 anos - de 2013 a 2023. Esse recorte se deve não somente pelo fato de termos um período fechado para a análise, mas sobretudo pela baixa recorrência de notícias ou reportagens antes de 2013 - apenas sete notícias sobre o tema, conforme identificado em pesquisa exploratória. Outro fator que foi levado em conta para o recorte de dez anos, diz respeito à temporalidade, dado que é de interesse deste trabalho identificar também as diversas formas de cobertura dentro desse período. Já no que diz respeito ao recorte dentro desses 10 anos, foram levantadas 41 matérias, sendo duas reportagens e 39 notícias. Apesar disso, foi necessária a realização de mais um recorte neste exercício de construção do corpus de pesquisa: em que tivemos o corte das notícias que empregavam a acepção do termo bipolar não condizente com a condição médica de transtorno - nesse sentido, foram retiradas

⁸ <https://g1.globo.com/institucional/sobre-o-g1.ghtml> Acesso em 17/08/2023

outras três notícias. Por fim, de forma a chegar na estrutura final do corpus de análise, ainda foi retirada uma notícia duplicada e uma matéria de TV sem texto na página do portal. Dessa forma, o corpus compreende duas reportagens e 34 notícias, totalizando, pois, 36 textos jornalísticos. Dessa maneira, o quadro 1 apresenta os títulos, seção ou editoria em que foram publicados os textos, datas de publicação e autoria dos textos selecionados, além de um código de identificação para cada um deles que será utilizado na análise.

Quadro 1 - Textos que compõem o corpus da pesquisa

Título	Seção/Editoria	Autoria	Data da Publicação	Identificação do Texto
Pessoas com transtorno bipolar 'envelhecem' mais rápido, afirma estudo	Bem-Estar	Por G1	26/07/2017	T1
Transtorno bipolar atinge 4% dos adultos; saiba mais sobre a doença	Bem -Estar	Luna D'Alama	05/08/2013	T2
Cientistas brasileiros criam programa para diagnosticar esquizofrenia e transtorno bipolar através do relato de sonhos	Ciência e Saúde	Por BBC	10/08/2018	T3
Estudo observa brasileiros por 22 anos e cria sistema para prever transtorno bipolar	Ciência e Saúde	Por G1	14/09/2020	T4
Transtorno bipolar reduz a expectativa de vida em pelo menos 10 anos	Bem-estar	Por G1	23/08/2018	T5
Dia Mundial do Transtorno Bipolar: psicóloga em Juiz de Fora explica o que é, sintomas e tratamento	G1 Zona da Mata	Petterson Marciano	30/03/2022	T6
Veja os sintomas do 'transtorno afetivo bipolar', doença que 60 pacientes tentam se curar em Vilhena	G1 Vilhena e Cone Sul	Christian Wentz	05/09/2017	T7
Estudo associa relógio biológico a transtornos de humor	Ciência e Saúde	Deutsche Welle	16/05/2018	T8
Gripe na gravidez pode aumentar risco de filho ser bipolar	Ciência e Saúde	Da BBC	10/05/2013	T9
Selena Gomez revela ter	POP & ARTE	Por G1	03/04/2020	T10

transtorno bipolar				
Mariah Carey revela tratamento contra transtorno bipolar	POP & ARTE	Por G1	11/04/2018	T11
Van Gogh pode ter tido um transtorno bipolar, segundo pesquisadores	Ciência e Saúde	Da France Presse	20/09/2016	T12
Kim Kardashian fala sobre transtorno bipolar de Kanye West e pede 'compaixão e empatia'	Pop & Arte	Por G1	22/07/2020	T13
Abuso sexual e transtorno bipolar marcaram a difícil vida de Dolores O'Riordan, vocalista do Cranberries	Música	Por BBC	17/01/2018	T14
Demi Lovato fala sobre transtorno bipolar: 'Não gosto que as pessoas usem isso como um rótulo'	Música	Por G1	02/08/2017	T15
Scott Stapp, do Creed, diz a revista que sofre de transtorno bipolar	Música	Do G1	13/05/2015	T16
Ator de 'Better Call Saul' que dizia ter sido decepado na guerra revela ter arrancado o próprio braço	Pop & Arte	Por G1	01/11/2018	T17
Depressão, tendências suicidas e psicopatia: a história de sofrimento mental de presidentes americanos	Ciência e Saúde	Por BBC	28/04/2019	T18
Jovem com transtorno bipolar e depressão desaparece em Goiás	Goiás/ TV Anhanguera	Do G1 GO	30/03/2017	T19
Mulher com transtorno bipolar está desaparecida há 24 dias em Várzea Grande (MT)	Mato Grosso/ Centro América	Por G1 MT	28/08/2018	T20
Mulher com transtorno bipolar desaparece em Resende, no Sul do Rio	Sul do Rio e Costa Verde/ TV Rio Sul	Por G1 Sul do Rio e Costa Verde	15/04/2018	T21
Homem é encontrado ferido após passar seis dias perdido em mata, no interior do AM	Amazonas/ Rede Amazônica	Por G1 AM	12/05/2018	T22

Casal de idosos sai de São Paulo para Salvador em busca da filha desaparecida há seis meses: 'Só voltamos com ela'	Bahia	Por TV Bahia	18/06/2018	T23
Família procura sociólogo de 42 anos desaparecido há oito dias na Bahia	Bahia	Por TV Santa Cruz	11/09/2019	T24
Idoso que desapareceu em Luziânia volta para casa após ser encontrado em Manaus	Goiás / TV Anhanguera	Por Vanessa Chaves*, G1 GO	27/08/2019	T25
Homem que prometeu repetir chacina de Campinas alega transtorno bipolar	Ribeirão e Franca / EPTV	Adriano Oliveira	05/01/2017	T26
Mulher detida por injúria racial após dizer que odeia negros tem transtorno bipolar, diz laudo	TV Paraíba	Por G1 PB	15/10/2020	T27
Laudo aponta que homem que matou e arrancou coração da tia em MT tem transtorno bipolar	Mato Grosso/ Centro América	Por Kethlyn Moraes, G1 MT	29/02/2020	T28
Mulher agredida e estuprada por ex-marido afirma que ele tem transtorno bipolar	Santos e Região/ TV Tribuna	Por g1 Santos	05/02/2023	T29
Justiça manda soltar acusado de matar ex-companheira em Curitiba após laudo apontar transtorno bipolar	Paraná RPC	Por G1 PR e RPC Curitiba	23/09/2020	T30
Laudo aponta que avó denunciada por morte de neto de 1 ano em Porecatu sofre de transtorno bipolar	Norte e Noroeste RPC	Por G1 PR	23/09/2019	T31
Policial civil é preso suspeito de esfaquear ladrão que tentou invadir loja em Cuiabá	Mato Grosso/ Centro América	Por G1 MT	04/12/2019	T32
Cliente que jogou cerveja no rosto de PM em MT usará ternozeleira e não poderá ir em bares	Mato Grosso/ Centro América	Por Denise Soares, g1 MT	13/10/2021	T33
Defesa alega que acusado de matar sargento dentro do quartel da PM não tem condições de responder pelo	Acre/ Rede Amazônica	Por Aline Nascimento, G1 AC	19/06/2017	T34

crime				
SUS vai incorporar cinco remédios para tratamento de transtorno bipolar	Bem Estar	Do G1	10/03/2015	T35
Com transtorno bipolar há 30 anos, aposentada lança livro dividindo experiência: 'Escrever me ajudou muito'	Mato Grosso do Sul/ Morena	Por Lucas Oliver*, G1MS	25/02/2019	T36

Fonte: o autor

5.3 Metodologia de Pesquisa e Análise de Discurso

Para abordar o tema, bem como realizar a investigação, foi escolhida a Análise de Discurso Francesa como metodologia. Segundo Benetti (2007), existem diversas formas de se realizar a pesquisa quando os objetos têm relação com a linguagem, entre eles, a Hermenêutica, a Pragmática, Análise de Narrativa, Semiótica e a Análise de Discurso. Nesse sentido, trataremos principalmente da Análise de Discurso de vertente francesa para a análise do corpus de natureza jornalística. A autora pontua quatro características do discurso jornalístico: dialógico; polifônico; opaco; efeito e produtor de sentidos; elaborado segundo condições de produção e rotinas particulares. É a partir, pois, do dialogismo da linguagem - noção advinda da análise de discurso francesa - que Bakhtin (1979;1981) define as relações de espaço existentes entre discurso e sujeito: interdiscursividade e intersubjetividade, em que o primeiro diz respeito ao estudo dos sentidos, e o segundo define que o discurso somente existe em um espaço entre os sujeitos.

Segundo Orlandi (2001), a intersubjetividade nos permite reconhecer o efeito da literalidade no discurso, dado que o sentido somente existe quando há ideologia. Nesse sentido, apesar de não ser do interesse abordar este tema em específico - a noção de uma literalidade aumenta da medida em que a ideologia é naturalizada e comungada. É por isso que Benetti (2007) atribui ao jornalismo e ao discurso proveniente dele o caráter de opacidade. Ainda no que diz respeito à intersubjetividade, é necessária a compreensão de que o contexto da enunciação precisa ser analisado para sua devida compreensão - dado que os sujeitos estão imersos em determinadas culturas e quadros sociais. Dessa forma, podemos dizer que uma das preocupações da análise de discurso, transversalizada pelo jornalismo é posicionar histórica e socialmente a relação que se dá entre o texto, com a carga histórica e social daquele que lê:

Para tornar um pouco mais complexa esta discussão, acrescentemos que nosso atento sujeito-leitor também é constituído por processos sociais e históricos, mas estes processos não são totalmente visíveis para ele. Ao ler, i.e., ao significar, um leitor mobiliza suas histórias de leituras, relacionando o texto lido a outros textos já conhecidos. Da mesma forma, pode correlacionar o que lê a si mesmo, i.e., à sua própria história pessoal, bem como ao momento histórico em que vive e ao contexto de produção da obra. Leitor e texto, portanto, vão se integrando e se desvencilhando à medida em que a historicidade de ambos emerge no processo de leitura. (MARIANI, 1999, p. 106).

Dessa forma, e segundo Milton José Pinto (1999), a AD não deve se interessar pelo que o texto diz, ou somente por interpretar sua semântica; mas sim como o texto diz e por que traz determinadas questões - ou seja, procura compreender de que ordem são os pensamentos que originaram determinado texto. Segundo o autor ainda, à análise de discurso deve interessar os a) “modos de dizer”, tratando-se do uso comunicacional da linguagem; “os modos de mostrar”, de uso referencial ou denotativo da linguagem; “modos de interagir”, linguagem enquanto construtora de identidades e “modos de seduzir”, quando a linguagem busca consenso. (PINTO, 1999, p.23). Nesse sentido, à análise de discurso e quem a executa, são imputados os papéis de desconstruir e desmistificar o discurso, trazendo à tona a ideologia que ora fora naturalizada:

O analista de discursos é uma espécie de detetive sociocultural. Sua prática é primordialmente a de procurar e interpretar vestígios que permitem a contextualização em três níveis: o contexto situacional imediato, o contexto institucional e o contexto sociocultural mais amplo, no interior dos quais se deu o evento comunicacional. (PINTO, 1999, p. 22)

Benetti (2007) divide as possibilidades de análise de discurso em jornalismo, portanto, em dois tipos de pesquisa: o estudo de vozes e o estudo de sentidos: o estudo de vozes diz respeito à compreensão dos enunciadores do discurso, relacionando seu contexto de produção. O estudo dos sentidos, por sua vez, tem interesse na exterioridade do texto, em sua estrutura, em que

O texto é decorrência de um movimento de forças que lhe é exterior e anterior. O texto é a parte visível ou material de um processo altamente complexo que inicia em outro lugar: na sociedade, na cultura, na ideologia, no imaginário. (BENETTI, 2007, p.111)

Nesse sentido, para iniciarmos a análise de discurso, precisamos compreender a existência de duas camadas fundamentais: a primeira, visível, seria a camada discursiva, e a segunda, que revela-se somente quando da análise - a camada ideológica. A partir desse ponto, e segundo Benetti (2007), a fim de estruturar a análise, será necessária a discriminação das Formações Discursivas (FDs), que são uma espécie de região dos sentidos e que possuem um limite interpretativo. As formações discursivas são "aquilo que numa formação ideológica dada - ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada - determina o que pode e deve ser dito" (ORLANDI, 2009, p. 43). Dessa maneira, as Formações Discursivas estão delimitadas pelos sentidos correspondentes às ideologias que se quer fazer conhecer. Abaixo, portanto, do quadro das formações discursivas estão os sentidos que "sempre vem representar aquilo que poderia ser dito, naquela conjuntura específica, por aqueles sujeitos em particular, instados ideologicamente a dizer uma coisa, e não outra" (Benetti, 2007, p. 112).

Nessa direção, a presente análise buscou identificar, a partir das sequências discursivas (SDs) presentes nos textos do corpus, os sentidos sobre transtorno bipolar construídos pelo G1. Há ainda que se pontuar que as SDs são sequências construídas a partir de recortes efetuados no campo discursivo de referência (Courtine, 1981).

Desse modo, foram identificadas quatro formações discursivas principais que versam sobre o transtorno bipolar a partir de diferentes prismas ideológicos: "Patologizante" (FD1), "Estigmatizante" (FD2), "Neurodiversidade" (FD3) e "Romantização" (FD4). Nesse sentido, ao todo foram encontradas 118 sequências discursivas que carregam pelo menos um dos sentidos citados. Um ponto importante de ser citado é que – em alguns casos, uma mesma SD pode apresentar mais de uma FD. Por conta disso, a soma do número de SDs vinculadas às FDs excede o número total de SDs mencionado.

Tabela 1 - Ocorrência de Formações Discursivas

Formações Discursivas	Número de sequências discursivas relacionadas	Percentual do total de sequências discursivas
FD1 - Patologizante	39	31,71%
FD2 - Estigmatizante	51	41,46%
FD3 - Neurodiversidade	20	16,26%
FD4 - Romantização	13	10,57%

Fonte: o autor

Nas próximas seções deste trabalho, serão apresentadas as FDs, juntamente de SDs particularmente representativas. As SDs foram enumeradas durante o levantamento, conforme a ordem cronológica em que aparecem nas publicações, e estão identificadas, também, pelo texto de onde foram extraídas — essas informações são indicadas entre parênteses ao lado de cada trecho recortado. Frases ou expressões importantes para a construção do sentido da FD são assinaladas em negrito.

5.1.1 Formação Discursiva “Patologizante” (FD1)

A formação discursiva patologizante, é a segunda formação discursiva mais recorrente no levantamento, sendo encontrada em 39 sequências discursivas. Os sentidos que compõem essa formação e carregam sua ideologia são os sentidos de distúrbio, problema, doença, doença mental, disfunção, transtorno, medicamentos, sintomas, sinais e surto. A possibilidade de alta recorrência se deve principalmente ao fato de a disciplina médica atribuir essas nomenclaturas à condição bipolar, não raro as matérias que utilizam essa terminologia para descrever estudos, utilizando uma linguagem de cunho referencial. A seguir, apresentamos as sequências discursivas ligadas às respectivas formações discursivas, em que, suas principais marcas de sentido, estão assinaladas em negrito:

A **doença**, caracterizada por alterações de humor, com fases de depressão e euforia (mania), tem se tornado cada vez mais discutida – os primeiros casos do **distúrbio** foram descritos com outros nomes 460 anos a.C., pelo grego Hipócrates, considerado o "pai da medicina" –, mas o **diagnóstico** ainda é difícil e leva, em média, entre 8 e 13 anos para ser feito. (T2 SD5)

"Estudos de coorte (metodologia que considera uma população pré-definida) são extremamente importantes para desenvolver modelos preditivos que podem ajudar na prevenção de **doenças graves, como o transtorno bipolar**" (T4 SD24)

O transtorno bipolar é uma disfunção do funcionamento cerebral. Os danos são sentidos em todo o corpo e quem tem a doença sofre com inflamações até no organismo. (T6 SD30)

Conforme explicou o casal, Viviane, que é formada em artes cênicas e letras na Universidade de São Paulo, descobriu em 2014 que sofre de transtorno bipolar, **doença marcada por alterações de humor**, nos níveis de atividade, e na capacidade de realizar as tarefas do dia-a-dia. (T23 SD83)

Por sua vez, a aparição de sentidos que evocam os sintomas, sejam eles diretamente associados ao transtorno ou indiretamente ligados à ele - num sentido de que podem se referir a outras condições - aparecem na perspectiva nosológica, que contribui para a ideia de condição patológica. Ainda há que se notar que em determinadas sequências discursivas, o ponto focal do discurso está na atribuição do sentido sintomático e não na ação decorrente dele, o que acarretaria numa visão estigmatizante:

"Essa representação permite medir diversos sintomas, como logorrea (verborragia ou profusão de frases sem sentido), alogia (dito absurdo), fuga de ideias e salada de palavras", diz Ribeiro. (T3 SD19)

Além disso, mostrou que **é a estrutura da linguagem que liga os sintomas de disfunções sociais** apresentados pelos pacientes a seus substratos neurais. (T3 SD21)

Jovens que apresentam tendência suicida, ansiedade generalizada, evidências de abuso físico pelos pais, problemas financeiros, entre outros, **são alguns dos sinais relacionados à bipolaridade** (T4 SD23)

O transtorno bipolar é uma **disfunção** do funcionamento cerebral. Os danos são sentidos em todo o corpo e quem tem a doença sofre com inflamações até no organismo. (T6 SD 30)

Ainda conforme o laudo, **a mulher também apresenta sintomas maníacos e psicóticos**, no momento. O marido da suspeita declarou, ainda, que ela foi **diagnosticada com a doença** em 2017, que melhorou após **ser medicada**, mas voltou a apresentar **piora no quadro clínico**. (T27 SD92)

A perspectiva de medicalização do TAB, que compõe essa formação discursiva, evidencia esse sentido patologizante nas reportagens analisadas. É necessário dizer que as estratégias de tratamento não são discutidas aqui num sentido de avaliar ou não a sua validade, mas de perceber que só existe medicalização para aquilo que é considerado patológico. Essa perspectiva, portanto, é evidenciada nas sequências discursivas que seguem:

Segundo Aparecida, ela e a filha moram em Catalão, também no sudeste goiano, e foram para Palmelo no último domingo (26) **em busca de tratamento espiritual para a jovem, que já toma medicamentos para controlar os problemas de saúde**. (T19 SD 74)

"Ela nunca aceitou que estava doente e parou de fazer o tratamento. As alterações de humor dela estavam cada vez mais frequentes", contou. (T20 SD 77)

Ainda segundo Felipe, **mesmo com os medicamentos, quando é colocada a fortes emoções, o surto pode acontecer**. (T21 SD80)

Ministério da Saúde decidiu incorporar cinco medicamentos para tratar brasileiros que sofrem de transtorno afetivo bipolar (TAB) ao Sistema Único de Saúde (SUS). (T35 SD112)

Outra perspectiva que contribui para o sentido patologizante é a associação de ideias na construção de notícias acerca de estudos sobre o transtorno bipolar. Nesse sentido, tais matérias funcionam dentro de uma ótica de divulgação científica que associa eventos e ocorrências da vida cotidiana ao transtorno bipolar - e em alguns casos, numa construção discursiva de causa e efeito. Assim, reforçam não somente o sentido patologizante, mas a própria ideia de medicalização da vida.

Pessoas com transtorno bipolar ‘envelhecem’ mais rápido, afirma estudo (T1 SD1)

Transtorno bipolar reduz a expectativa de vida em pelo menos 10 anos (T5 SD25)

Um estudo divulgado nesta terça-feira (15) pela **publicação médica** The Lancet Psychiatry revela que **alterações no relógio biológico podem aumentar o risco de desenvolver problemas de humor**, que variam de diferentes graus de solidão a depressão severa e **transtorno bipolar**. (T8 SD35)

Uma pesquisa realizada nos Estados Unidos indica que **gripes durante a gravidez podem aumentar o risco de a criança desenvolver transtornos bipolares ao longo da vida**. (T9 SD36)

Apesar de tal relação de causa e efeito, os textos jornalísticos citados (T8 e T9), ainda afirmam que os estudos não são conclusivos, ou ainda que os resultados indicam estatísticas baixas.

O estudo, porém, **não é capaz de afirmar de modo conclusivo que as perturbações no relógio biológico são causas de danos mentais**. No entanto, as conclusões "reforçam a ideia de que os distúrbios de humor estão associados **às perturbações do ritmo circadiano**", afirma Lyall. (T8 SD34)

Os cientistas envolvidos com a pesquisa alertam que os riscos permanecem baixos, mas o estudo, no entanto, se assemelha a descobertas semelhantes que ligam a gripe à uma maior incidência de esquizofrenia. (T9 SD38)

Quando analisamos estas sequências discursivas e as colocamos em relação com o restante do texto, podemos verificar que a perspectiva patologizante não traz uma informação de cunho

relevante para a composição da cidadania ou informação para pessoas bipolares. Mas funciona numa perspectiva científica, de divulgação apenas.

5.1.2 Formação Discursiva “Estigmatizante” (FD2)

A formação discursiva de componente ideológico estigmatizante é aquela que aparece em maior recorrência nos textos analisados. Foram encontradas 51 SDs que marcam os sentidos construtores de tal formação. Entre os sentidos identificados temos os conceitos de normalidade, saudável e luta, num primeiro agrupamento que evocam a oposição com conceito de anormalidade, representado pelo TAB. Por sua vez, ainda no caráter estigmatizante, podemos elencar os sentidos que evocam a ideia de loucura, agressividade, surto e alucinação. Ainda na composição dos sentidos que compõem tal formação, temos aqueles ligados à dependência química ou alcoólica - que, de fato, são ocorrências que existem em maior proporção na população bipolar, mas não a determinam ou não dizem respeito somente a essa comunidade.

Nessa perspectiva estigmatizante ainda encontramos outra série de sentidos evocados a partir de notícias que comunicam o desaparecimento de pessoas em associação ao diagnóstico de transtorno afetivo bipolar, de modo que a condição ganha notoriedade quando associada à ocorrência. Entre os sentidos, temos: desaparecimento e pausa no tratamento como causa para a ocorrência de tal. Ainda temos os sentidos ligados à criminalidade, bem como laudos que atestam o TAB em associação com atos criminosos, servindo como atenuantes da culpa dos indivíduos envolvidos, entre os sentidos temos: a criminalização como principal. Por fim, podemos elencar ainda um conjunto de SDs, que ainda que reduzidas em recorrência, também contribuem para a ideologia estigmatizante - trata-se dos sentidos de ênfase em declarações provenientes de pessoas com TAB.

Nesse sentido, em relação às sequências discursivas que evocam os sentidos de normalidade, saudável, luta, bem como desequilíbrio; podemos atribuir uma construção ideológica estigmatizante na medida em que trabalham com a ideia de oposição semântica em relação àquilo que é concebido por anormal, não saudável, equilibrado, tratável ou não tratável. Dentro da ótica da normalidade temos um efeito de sentido implícito identificado no ato interpretativo que é a oposição em relação à anormalidade: tal construção se torna evidente quando são citadas as fases do TAB e o conceito de vida produtiva:

E tudo isso é intercalado com **fases de normalidade**", explica a presidente da ABTB, Ângela Scippa. (T2 SD6)

Com os cuidados necessários, às pessoas com transtorno bipolar podem levar uma **vida normal e bastante produtiva**, ressaltam os médicos. (T2 SD16)

“São seis meses de período depressivo e na sequência **mais seis meses de normalidade e depois seis meses de euforia**”. (T11 SD45)

Donald Trump não é o primeiro presidente a ser chamado de desequilibrado por inimigos políticos e profissionais da área médica. Alguns de seus antecessores foram diagnosticados com problemas de saúde mental, incluindo ansiedade social, **transtorno bipolar** e até **psicopatia**, dizem especialistas. (T18 SD68)

O mesmo efeito de sentido aparece quando evidenciamos a adjetivação de saudável e não saudável para se referir a um indivíduo que vive com TAB. Dessa maneira, o que concebemos de forma implícita é que a pessoa bipolar não é saudável pelo uso de determinadas formas de representar oriundas da ciência em sua formalidade de pensamento. Isso acontece, pois, na descrição de determinados estudos em periódicos científicos, os cientistas e pesquisadores utilizam da discriminação dos grupos de pesquisa em grupo controle, “saudável” e grupo teste por exemplo.

Ainda, **quando comparados com pessoas saudáveis, parentes de portadores do transtorno bipolar também possuem telômeros mais curtos.** (T1 SD4)

Por fim, no que diz respeito ainda a esse conjunto de sentidos, outro evidenciou-se na atribuição e valoração do ser bipolar. Trata-se do emprego de lutar contra o transtorno denotando um sentido transitório e passageiro como se refere a outras patologias. Apesar disso, a condição é permanente, de teor genético e não curável. Dessa maneira, há aqui uma estigmatização na medida em que a condição de TAB é tida como indesejável, deve ser superada e curada. Assim, a ideologia estende-se para a impossibilidade de se conviver com a condição:

Mariah Carey é capa da revista People nesta semana e, na matéria produzida pela publicação, **a cantora fala pela primeira vez sobre sua luta contra o transtorno bipolar.** (T11 SD45)

O conjunto de sentidos que trabalham em prol da ideologia estigmatizante ainda é vasto. Com isso, existem aqueles ainda que o fazem na associação de ideias entre atos moralmente condenáveis e o estado bipolar de surto, psicose ou delírio. Nessa perspectiva, a aproximação e relação de causa e efeito entre os eventos e as fases do transtorno permitem por inferência a interpretação generalizante do TAB como uma condição delirante e de loucura. Há ainda que se notar que mesmo com uma abordagem que particularize a noção das fases, isso não bastaria para limitar o sentido estigmático, pois a associação entre TAB e as ações conduzidas a partir desses momentos limítrofes do espectro ainda existiria. Para exemplificar, temos as seguintes SDs:

"Em meus pensamentos delirantes, eu acreditava que minha família estava envolvida com o Estado Islâmico, e que milhões de dólares foram tirados de mim para dar suporte ao terrorismo"(T16 SD59)

Documentos apresentados durante as investigações sobre o incidente confirmaram que a cantora havia sido diagnosticada em 2015 com transtorno bipolar. **Segundo a artista, o transtorno era a causa de seus surtos de agressividade.** (T14 SD53)

Todd Latourette, **que sofre de transtorno bipolar, contou que decepcionou o próprio braço 17 anos atrás.** 'Estou acabando com minha carreira ao fazer isso', disse sobre revelar mentira. (T17 SD65)

Todd Latourette, ator que participou da série "Better Caul Saul", **confessou que arrancou seu próprio braço com uma serra elétrica durante uma crise por não tomar seus remédios, 17 anos atrás.**

Ainda no sentido da formação das ideologias de estigma, podemos tratar a temática do abuso de drogas e álcool. A abordagem por sua vez é mais sutil, na medida em que ela aparece de forma indireta - sem a construção de uma estrutura clara de sujeito - verbo - objeto - predicado, que indique o transtorno como sujeito. Apesar disso, a temática dessas notícias ou reportagens são o TAB, e o enquadramento escolhido é justamente aquele que evoca a ação marginal das drogas e do álcool na vida do indivíduo.

"Eu tenho surtos psicóticos que foram causados por abuso de álcool e drogas", afirmou Stapp, segundo reportagem publicada nesta quarta-feira (13). (T16 SD58)

Segundo o site "TMZ", que teve acesso a um relatório da polícia de Flórida, **Stapp, ao ser abordado, aparentava estar "embriagado, incoerente e delirava, dizendo que estavam tentando envenená-lo"**.(T16 SD61)

Na descrição de Jaclyn, **a causa dos problemas é uma combinação fatal de esteroides, maconha, cocaína, PCP (o anestésico Fenilciclidina, também conhecido como "pó de anjo"), Special K, metanfetamina e vários remédios controlados.** (T16 SD64)

Na esteira das construções dos sentidos citados anteriormente, há que se separar e particularizar a análise daqueles que dizem respeito aos desaparecimentos. Novamente, a construção dos outros sentidos em relação a esse se dá de forma semelhante - o valor-notícia não se dá pelo desaparecimento em si, mas se torna notório pois envolve o Transtorno Bipolar. Dessa maneira, o protagonismo se coloca na adjetivação do sujeito, de maneira que o desaparecimento é qualificado e valorizado pela presença do predicado notório que é a loucura:

A mãe dela, a dona de casa Aparecida Ferreira Fonseca dos Santos, 42, conta que está desesperada para encontrar a filha, **que sofre de transtorno bipolar e depressão.**(T19 SD73)

Uma família está procurando uma mulher de 63 anos que desapareceu há 24 dias em Várzea Grande, região metropolitana de Cuiabá. **Os filhos disseram que Terezinha Maria da Silva tem transtorno bipolar e que havia parado o tratamento há quatro anos.** (T20 SD75)

Uma mulher que sofre com transtorno bipolar desapareceu em Resende, no Sul do Rio de Janeiro. Selma da Cunha Guimarães, de 54 anos, mora no bairro Alvorada e foi vista pela última vez no dia 3 de abril. Selma mora com o marido e havia voltado de uma viagem à região de Visconde de Mauá, onde o companheiro teve uma crise de epilepsia. (T21 SD78)

Paulo Pinheiro ficou 33 dias sem dar notícias para a família e percorreu 3,5 mil km entre caronas e viagem de balsa. **Aposentado, que tem transtorno bipolar e esquizofrenia,** conseguiu entrar em contato com a família após ajuda do padre. (T25 SD87)

Nesse sentido, há que se pontuar aquelas SDs que dizem respeito aos desaparecimentos em que ao TAB é imputada a responsabilidade do desaparecimento. Nesse sentido, o predicado observado anteriormente não qualifica a ação; transforma-se em sujeito para ser ativo na ação do desaparecimento - criando o efeito de sentido de que o TAB provocou o desaparecimento.

A irmã de Wilson, Vânia Menezes, de 39 anos, contou que o irmão sofre de transtorno bipolar e toma remédios controlados. **Ele teve um surto quando se perdeu na área de mata,** localizada nas proximidades da casa do pai. (T22 SD81)

Ainda concernente à perspectiva do desaparecimento, a notícia do desaparecimento do sociólogo Ibi Campos torna-se flagrante para atribuímos o caráter estigmatizante que existe na construção narrativa em torno de alguns desaparecimentos que envolvem pessoas neurodivergentes. Nesse sentido, é no lide, no primeiro parágrafo da matéria, em que podemos observar uma descaracterização do indivíduo bipolar:

Um sociólogo de 42 anos está desaparecido há oito dias após sair de Ibicarai, no sul da Bahia, e viajar para Salvador. Segundo a família de Ibi Campos de Oliveira, o homem foi diagnosticado com transtorno afetivo bipolar e toma remédios para controlar a doença. (T24 SD84)

Nesse sentido, antes da atribuição do nome - que não aparece no título ou subtítulo da notícia - atribui-se a adjetivação no aposto explicativo ao final do período, ressaltando o transtorno afetivo bipolar. Apesar disso, o que mais se torna flagrante é a presença do artigo indefinido para referir-se ao indivíduo. Desse modo, a função da linguagem que é esperada para predominar no texto seria a função informativa, dado que se trata de uma notícia. Apesar disso, um dos seus principais marcadores - sujeito marcado por artigo definido - não aparece. Ainda em relação à mesma matéria, outra SDs pode ser elencada na composição de uma ideologia estigmatizante:

"Uma pessoa realmente amável, uma pessoa muito acessível, amiga e que está vulnerável porque não está tomando a medicação", disse Otaviano Oliveira Neto, irmão do sociólogo. (T24 SD85)

Da mesma maneira que tratamos da relação de oposição que se estabelece nas SDs referentes aos sentidos de normalidade e saúde, nesta SD, a adjetivação carrega consigo o sentido implícito de que apesar de ser portador do TAB, o sujeito é amável, acessível e amigo. A matéria termina, por sua vez, descrevendo o episódio do desaparecimento, e o disfarce utilizado pelo sociólogo para não ser reconhecido. Com isso, é notória a caricatura que é criada em torno do sujeito neurodivergente e suas ações - que neste caso possui aderência à formação discursiva estigmatizante:

"Eu estava entrando no meu carro quando ele chegou pedindo uma carona até a rodoviária, porque já estava atrasado para pegar um ônibus que iria para Ilhéus. **Ele estava usando uma peruca, disfarçado com uma peruca, um vestido, uma 'bata' de crochê branca e uma mochila**", contou o jornalista. (T24 SD86)

Entre todos os sentidos encontrados para favorecer a premissa estigmatizante em torno da análise, a de maior ocorrência foi aquela ligada às atividades criminosas, como agressão, estupro, assassinato e racismo. Nesse sentido, tais sequências discursivas aparecem sob contextos específicos do acontecimento e fortemente ligadas a uma noção, tanto generalizante do transtorno afetivo bipolar em sua integridade, como particularizante - singularizando as fases maníacas, depressivas ou psicóticas presentes para dar conta do assunto em questão. Na esteira deste pensamento a associação do evento criminoso ao TAB se dá numa primeira instância na forma de justificativa informal para o ato, ou seja, uma alegação do indivíduo, de que não estava em posse das suas faculdades mentais por ter transtorno bipolar.

O homem preso em Jaboticabal (SP) por ameaçar de morte a ex-mulher, duas juízas e uma promotora de Justiça **disse à Polícia Civil que sofre de transtorno bipolar** e que misturou a medicação controlada com cerveja, antes de publicar as mensagens no Facebook. (T26 SD88)

Rodrigo Nomura Guerreiro, de 43 anos, **foi preso** em casa nesta quarta-feira (4) quando fazia mais uma postagem na internet. Ele estava sendo monitorado pelos investigadores e, segundo o delegado Wanderley Elenilton Gonçalves Santos, confessou o crime. “Depois que ele ficou tranquilo, quando caiu em si, disse que estava arrependido. **Ele contou que sofre de transtorno bipolar desde 2008 e, desde então, faz tratamento com um médico em Jaboticabal, mas não apresentou nenhum laudo ou atestado**” (T26 SD89)

Cliente que jogou cerveja no rosto de PM em MT usará tornozeleira e não poderá ir em bares. **Ela desacatou policiais, resistiu à prisão e acabou imobilizada por dois PMs e um segurança**. Cliente é formada em jornalismo e **disse à Justiça que tem transtorno bipolar, além de ser dependente química**. (T33 SD106)

A **ex-esposa** do empresário Ricardo Penna Guerreiro, de 46 anos, **preso preventivamente por agredi-la e estuprá-la enquanto estava dopada por remédios, contou à reportagem que ele faz uso de medicações após ter sido diagnosticado com transtorno bipolar** [um distúrbio psiquiátrico]. (T29 SD99)

No que diz respeito ainda aos sentidos ligado às temáticas de notícias sobre crimes, temos aquele conjunto de notícias que apresentam um fator semelhante, que é a alegação de transtorno bipolar após a ocorrência e no ato da defesa quando do julgamento. Nesse sentido, a alegação do TAB aqui acontece numa perspectiva formal, com apresentação de laudos e atestados médicos pelas defesas dos réus ou culpados. Contudo, neste trabalho não cabe a

avaliação da veracidade destes diagnósticos ou documentações, mas compreender de que forma são utilizados narrativamente para compor o efeito de sentido ligado ao estigma:

Um laudo entregue à Justiça aponta que o sobrinho que matou e arrancou o coração da tia tem transtorno afetivo bipolar e não possui condições de viver em sociedade .O **crime** ocorreu em julho do ano passado, em Sorriso, a 420 km de Cuiabá. (T28 SD95)

A decisão pela soltura foi tomada pela 2ª Vara Sumariante do Tribunal do Júri da capital, na segunda-feira (21), **considerando um laudo da Polícia Científica que apontou que o acusado apresenta Transtorno Afetivo Bipolar (TAB).** (T30 SD100)

Segundo o laudo, o transtorno afetivo bipolar de Silva começou antes da data do crime. (T30 SD101)

A mulher denunciada pela morte do neto de 1 ano e 7 meses em Porecatu, no norte do Paraná, sofre de Transtorno Afetivo Bipolar (TAB). Esta é a conclusão do exame de sanidade mental realizado pelo Instituto Médico-Legal (IML). **O laudo foi concluído e encaminhado à Justiça na sexta-feira (20).** (T31 SD102)

Nos casos citados nessas reportagens, o transtorno bipolar aparece como um complemento e possui uma função de aposto explicativo para crimes hediondos. Nesse sentido, o estigma se dá pela proximidade entre transtorno e ocorrência criminosa, funcionando como nexos causal para a conduta do sujeito - que surge na instância jurídica e é comunicada da mesma forma pelo jornalismo. Em termos de ideologia, a construção de um imaginário que ligue a ação criminal com o transtorno bipolar apenas favorece a tese estigmática, e funciona, por sua vez, como tese para estruturação do processo dentro da jurisprudência. De forma semelhante observamos a mesma estrutura argumentativa técnica quando da divulgação de estudos científicos nos casos em que o sentido é a saúde. Em ambos, a abordagem formal e técnica dessas disciplinas em relação aos seus objetos ou sujeitos dos discursos é apenas replicada na construção do material jornalístico. Ainda na intenção de explicitar o caráter da comunicação de defesa jurídica de uma tese que trabalha com o transtorno bipolar como ferramenta, temos as seguintes sequências discursivas sobre o caso do subtenente José Adelmo:

Ex-subtenente José Adelmo é julgado nesta segunda-feira (19) pela morte do sargento Paulo Andrade. **Acusado sofre de transtorno bipolar e depedência química, diz defesa.** (T34 SD107)

A defesa do ex-subtenente Adelmo José dos Santos, de 50 anos, vai alegar no julgamento que o acusado sofre de transtorno bipolar, dependência química e por isso não tem condições de responder pelo crime. (T34 SD108)

"Vamos manter essa tese. Um perito informou em audiência que o subtenente Adelmo tem um transtorno bipolar, e que não teria condições de ter retornado ao serviço militar. Houve um erro na contratação do mesmo" (T34 SD109)

No caso da matéria da jornalista Aline Nascimento da filial da Globo no Acre, observamos que o transtorno bipolar é claramente utilizado como um instrumento jurídico para diminuir a imputação de penas mais severas para o réu. Em que pese novamente a necessidade de dizer que não é o objetivo do trabalho avaliar se tal estratégia está ancorada num diagnóstico verdadeiro, importa notar que existem algumas implicações estigmatizantes pela forma como se comunica a notícia. Afinal, existe a possibilidade ideológica de uma construção estigmatizante pela notícia retirar o caráter de condição real e válida do transtorno bipolar, para fazê-lo tão somente de instrumento. Neste sentido, a ênfase que se dá às estratégias jurídicas, ao ato ilícito e ao TAB em conjunção, criam esse efeito de sentido.

Por fim, seguindo a última ordem de sentidos evocados para dar conhecimento desta perspectiva em sua completude e esgotá-la do ponto de vista da análise, ainda existem um conjunto de sequências discursivas que dizem respeito às declarações de pessoas com transtorno afetivo bipolar que apresentam um teor sensacionalista e, portanto, estigmatizante:

Em outra publicação, Guerreiro afirmou que repetiria a chacina ocorrida em Campinas (SP) durante o réveillon, quando Sidnei Ramis de Araujo, de 46 anos, invadiu a casa da família da ex-mulher, matou 12 pessoas – entre elas o filho, de 8 anos – e se suicidou. (T26 SD90)

Um vídeo gravado dentro de uma agência bancária mostra o momento em que o homem foi agredido verbalmente com gritos e palavras racistas. **As imagens, que se tornaram virais nas redes sociais, foram gravadas por alguém que estava no local e mostra quando a mulher diz: "sou a maior racista do planeta terra, odeio a raça negra". (T27 SD93)**

Ele também afirmou escutar "vozes do universo" que diziam que ele era uma pessoa escolhida por Deus e tinha "super poderes". O homem contou que foi demitido do trabalho após muitas alterações de humor e brigas com colegas de serviço. (T28 SD96)

Nessas três sequências discursivas, as declarações possuem um caráter estigmatizante na medida em que dão conhecimento de colocações dos indivíduos bipolares em situações ímpares e que se tornam, de certa forma, midiaticizadas - seja pelo canal nas redes sociais, seja

pela própria publicação. Nesse sentido, a construção de sentido se dá em torno da notoriedade da fala - protagonista no processo - e da voz de quem fala, do enunciador - o sujeito com TAB.

5.1.3 Formação Discursiva “Neurodiversidade” (FD3)

A formação discursiva relativa à Neurodiversidade é composta pelo conjunto de sentidos que destacam a noção de diferença na ordem dos pensamentos. Esse conjunto de sentidos apresentam-se em caráter de oposição àqueles estigmatizantes e patologizantes. Dentro dessa categoria, existem uma série de sutilezas na forma de representação do TAB - como é o caso do sentido de tratamento, que evoca um cuidado contínuo e não a cura, e que ainda nos permite inferir que o tratamento traz a possibilidade de qualidade de vida, inclusive pela inserção de alternativas para além da medicação. Além disso, quando explicitado o teor genético que acompanha o TAB, também são engendrados esses mesmos sentidos numa perspectiva não curável, mas tratável. As sequências discursivas relativas a essa FD partem de explicações biológicas para dar a conhecer de forma mais profunda a condição da bipolaridade, ou seja; trabalhando num sentido de particularização sobre determinados fenômenos, e não numa ideia totalizante do transtorno dentro de um caráter determinista. Outra série de sequências discursivas dessa FD são dedicadas à construção de uma espécie de oposição mais clara para o sentido estigmatizante e um outro conjunto que apresenta práticas e vivências que por sua vez compõe o cenário de oposição, mas com alternativas para a convivência pacífica do indivíduo com o seu transtorno.

Com isso, no que diz respeito às sequências discursivas voltadas à explicitação da neurodiversidade num ponto de vista biológico temos que as sequências abaixo representam perspectivas formais de pesquisas que trazem a possibilidade de conhecimento para produção de uma melhoria de qualidade de vida dos neurodivergentes. Funcionando assim, não como divulgação científica somente, mas como uma forma pragmática de orientação - numa espécie de pauta de serviço em saúde. Como exemplos, a primeira SD a seguir postula sobre a incidência de cardiopatias, diabetes e obesidade em maior frequência dentro desse recorte da população; e a segunda busca educar a audiência no que diz respeito à ligação entre TAB e o sistema endócrino:

Indivíduos com histórico de transtorno bipolar podem "envelhecer" mais rapidamente que aqueles sem histórico da doença. A pesquisa do New King's College de Londres foi publicada nesta quarta-feira (26) na revista científica "Neuropsychopharmacology". **O achado pode explicar o porquê de taxas de doenças relacionadas ao envelhecimento -- como doenças cardiovasculares, diabetes tipo 2 e obesidade -- são maiores entre pacientes com o transtorno.** (T1 SD2)

"O problema não ocorre por falta de serotonina (hormônio do bem-estar), mas por uma desregulação dos mecanismos de neurotransmissores (substâncias que fazem a comunicação entre os neurônios) em diversas áreas do sistema nervoso central", afirma Ângela. (T2 SD8)

Concernente ainda à uma ideia de particularização e não generalização do transtorno numa perspectiva de linguagem referencial e informativa, temos:

"No transtorno bipolar, o humor da pessoa está inadequado para aquele momento, para aquela condição", complementa o psiquiatra Teng Chei Tung, do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de São Paulo. (T2 SD11)

Ainda temos a neurodiversidade enquanto formação discursiva apresentada como oposição ao à formação da estigmatização, na medida em que trabalha diretamente num regime opositor entre os sentidos. Isso acontece quando a SD evidencia a existência de um estigma com relação à saúde mental e o questiona, ou seja: explícita, citando pelo nome: "estigma".

"É o estigma que mata a pessoa, não os transtornos". Em outro trecho, ela deixa claro o preconceito que há com doentes. "Transtornos mentais são como drogas. Não dão a mínima para quem você é." (T7 SD33)

Kim publicou um longo texto justificando que achava necessário falar agora, "por causa do estigma e das visões equivocadas sobre questões de saúde mental". "Como muitos de vocês sabem, Kanye tem transtorno bipolar. Quem tem isso ou tem um ente querido em sua vida sabe o quão incrivelmente complicado e doloroso é entender", escreveu. (T13 SD53)

Demi Lovato fala sobre transtorno bipolar: **'Não gosto que as pessoas usem isso como um rótulo'** Em programa de rádio, a cantora lamentou que as pessoas usem o distúrbio para definir sua personalidade. **'Isso é algo que eu tenho, não o que eu sou'**. (T15 SD54)

Demi Lovato afirmou que gostaria que as pessoas parassem de classificá-la bipolar. **"Isso é algo que é verdade, eu sou bipolar. Mas não gosto quando as pessoas usam isso como rótulo.** (T15 SD55)

Nesses excertos, a neurodiversidade enquanto caráter opositivo ao estigma se dá na medida em que o indivíduo bipolar, o estigma em si, assume o lugar de sujeito. Da mesma forma, atribui-se um senso de equívoco em relação à forma como se entende saúde mental. Por fim, nas SDs 54 e 55, conseguimos observar dois sentidos - rotular e classificar - como próprios da perspectiva patologizante e estigmatizante, e que, na perspectiva dessa formação discursiva não constrói uma agenda positiva na forma de se entender a neurodiversidade e por assim dizer, o TAB. Os sentidos da neurodiversidade ainda estendem-se para a concepção de não cura, tratamento recorrente e possibilidades complementares à terapia medicamentosa:

Segundo os psiquiatras, há componentes genéticos e ambientais envolvidos na manifestação do transtorno bipolar. E a hereditariedade da doença pode chegar a 70% em parentes de primeiro grau (quando a mãe, o pai ou irmãos têm o distúrbio). (T2 SD14)

E o tratamento deve ser contínuo, ou seja, para a vida toda. Normalmente são usados estabilizadores de humor, à base de lítio, anticonvulsivantes e/ou antipsicóticos. (T2 SD15)

Já a depressão do transtorno bipolar, por oscilar com a mania ou hipomania, pode melhorar rápido, mas as crises depressivas acontecem em intervalos mais curtos e não tem cura. (T5 SD27)

"Depois do diagnóstico já comecei o tratamento. Naquela época a medicação receitada era o lítio, eu usei por 17 anos, **sempre acompanhada por terapia e claro também com ajuda familiar, que sempre foi muito importante para mim.**" (T33 SD115)

Por sua vez, temos ainda sentidos contrários à romantização do TAB na questão da genialidade e criatividade, algo que será abordado na próxima formação discursiva (FD4) de "Romantização":

A doença já foi ligada a uma maior habilidade criativa e a um comportamento contestador, mas, de acordo com Silva, a capacidade de criação se perde nos picos de mania e depressão. (T2 SD13)

Ainda na construção de sentidos que favorecem a Formação de Neurodiversidade, encontra-se em baixa ocorrência o sentido da diferença como questão social. Essa questão está ligada às dificuldades que uma pessoa neurodiversa e com TAB passa na sociedade, e no caso assinalado, dentro do mercado de trabalho. Tal construção narrativa e de discurso se faz relevante na medida que viabiliza a elaboração de estratégias no setor público e privado para

uma reserva de mercado para talentos neurodiversos. Não somente isso, trata-se de um reconhecimento da necessidade de políticas públicas que amparem essa camada da sociedade:

Segundo ela, **a bipolaridade é a segunda causa de incapacidade para o trabalho entre as doenças mentais, atrás apenas da depressão** – em terceiro, vem a esquizofrenia. (T2 SD10).

Por fim, ainda temos os sentidos provenientes de excertos da notícia da escritora Irene Lajos. Dessa maneira, o primeiro ponto que podemos elencar é o fato de o TAB se tornar notório pela produção - não romantizada - da escritora. Isso acontece dado que a SD apresenta a atividade como uma forma de promoção de qualidade de vida da própria autora, evidenciando a aceitação da doença e o convívio pacífico com ela. Além disso, pontua a importância que pode ter em termos de acesso à informação de qualidade:

A escritora Irene Lajos teve a primeira crise aos 37 anos. **Para ela, o livro foi uma forma de lidar melhor com a doença e ainda ajudar quem procura informações sobre o assunto.** (T33 SD113)

A noção de aceitação e promoção da ideia de qualidade de vida surge mais uma vez:

O transtorno bipolar é uma doença que causa alterações no comportamento do paciente, fazendo com que apresente oscilações drásticas de humor, variando entre a euforia e a depressão repentinamente. **Mesmo com o tratamento contínuo, Irene sabe que terá que conviver com o transtorno e por isso focou em aprender a aceitar-se e viver da melhor maneira possível.** (T33 SD116)

Ainda na matéria de Lucas Oliver, da filial da Globo de Mato Grosso do Sul, ao dar voz para autora e filósofa, Irene Lajos questiona a validade e os métodos de internação com base na sua própria experiência:

O transtorno bipolar faz parte da rotina da filósofa e escritora Irene Lajos, de 76 anos, há três décadas. **Aos 37 anos ela teve a primeira crise, foi internada e ficou no hospital por 40 dias, mas não recebeu o diagnóstico.** (T33 SD114)

E estabelece a oposição:

"A internação por exemplo, que antes era indiscriminada, atualmente depois de um movimento dos profissionais da saúde só acontece em casos extraordinários." (T33 SD117)

Dessa forma, a internação, que compõe parte do imaginário ligado à pessoas neurodiversa, e que está associada a uma ideia de marginalidade, é questionada pela filósofa, evidenciando o sentido de promoção de qualidade de vida e de novas possibilidades para pessoas bipolares.

5.1.4 Formação Discursiva da “Romantização” (FD4)

No que diz respeito à última Formação Discursiva encontrada, ela tem uma representatividade de 10,57% no total de sequências discursivas, sendo aquela que possui a menor ocorrência. Tal formação evoca a ideia de genialidade e criatividade por trás do TAB, como se fosse uma questão inata aos portadores da condição. Além desses sentidos, temos aqueles ligados à revelação do diagnóstico pelo indivíduo notório - geralmente ligado ao mundo das artes e da música. Não à toa, essas sequências discursivas estão abaixo da editoria de “Pop e Arte” do portal. Por fim, temos um sentido complementar ao do indivíduo notório que é a relevância da revelação do diagnóstico pelo caráter midiático que possui - evidenciado pela própria audiência.

Em relação à ideia de genialidade, o TAB é comumente abordado não somente na imprensa, mas no cinema e literatura como uma condição que possui ligação com o gênio artístico. A própria Kay Jamison (1996) e seu livro “Touched with Fire: Manic-Depressive Illness and the Artistic Temperament” trata exatamente dessa temática - numa perspectiva de diagnose post-mortem de personalidades notórias no mundo da música, poesia, artes cênicas e literatura. A autora ainda abre a investigação de outros diagnósticos confirmados em vida e os relaciona às produções dos artistas em questão. E, de fato, a ocorrência do pensamento neurodivergente - manifestado pela depressão maior, ciclotimia, TAB, borderline, autismo e esquizofrenia - no mundo artístico é alta. É dessa perspectiva que decorre o efeito de sentido da genialidade: que constrói uma percepção do ser bipolar em torno da sua produção, porém, desvencilhado do seu contexto de sofrimento mental, da necessidade de buscar tratamento para ganho de qualidade de vida, e até mesmo, de que a criatividade apresenta melhoras e consistência quando do tratamento. Esses três pontos, embora abordados pela Kay Jamison, não aparecem nas sequências discursivas investigadas:

Transtorno bipolar x criatividade: Muitos artistas já vieram a público falar que são bipolares. É o caso dos atores de Hollywood Catherine

Zeta-Jones, Ben Stiller, Jim Carrey e Jean-Claude Van Damme, além da cantora americana Britney Spears. (T2 SD12)

Nesse sentido, a construção do aposto explicativo que nasce em decorrência de uma relativa oposição marcada pela letra “x”, de versus, insinua e permite inferir uma ligação entre TAB e arte - sem contextualização. Ainda no sentido do imaginário constituído entre TAB e gênio artístico, o próprio dia do Transtorno Bipolar apresenta essa característica: pois se dá no dia do nascimento do pintor Vincent Van Gogh, que, por sua vez, não possui uma confirmação do diagnóstico:

Nesta quarta-feira (29), é lembrado o Dia Mundial do Transtorno Bipolar. **A data faz alusão ao pintor holandês Vincent Van Gogh que foi diagnosticado com a doença.** (T6 SD28)

Van Gogh pode ter tido um transtorno bipolar, segundo pesquisadores (T12 SD46)

Outras sequências discursivas demonstram de forma mais clara essa questão e tornam mais evidentes a romantização a partir de determinadas adjetivações, a primeira delas, quando da fala de Kim Kardashian, influenciadora e empresária, acerca do músico Kanye West :

'Ele é uma pessoa brilhante, mas complicada', escreveu empresária em post. (T13 SD51)

"Viver com transtorno bipolar não diminui ou invalida os sonhos e as ideias criativas, não importa quão grandes ou inatingíveis elas pareçam para alguns. Isso é parte de sua genialidade, e como todos nós já testemunhamos, vários de seus grandes sonhos viraram realidade", (T13 SD52)

O caso do ator Todd Latourette, que decepou o próprio braço durante um episódio maníaco do TAB, faz menção a esse caráter notório da relação entre o transtorno, o ato incomum e como a indústria faz uso dessa narrativa para produzir produtos midiáticos. Nesse sentido, apesar de o ator ter ganhado notoriedade a partir da invenção da história sobre seu braço, o que nos importa é a construção da notícia de forma geral, que estabelece proximidade entre os acontecimentos:

Ele sofre de transtorno bipolar e antes contava a todos que havia perdido o braço na guerra."A indústria do cinema, é claro, começou a me ver de uma outra forma. Aquilo era diferente. E eles gostaram

daquilo", explicou o ator ao jornal da emissora KOB4, afiliada da rede americana NBC na cidade de Albuquerque. (T17 SD67)

Por fim, ainda temos a perspectiva marcada pelo sentido de midiaticização, em que se torna evidente o valor-notícia da declaração acerca de um diagnóstico de TAB e que complementa as sequências discursivas ligadas aos sentidos de revelação:

A conversa entre as cantoras foi acompanhada ao vivo por cerca de 180 mil pessoas no perfil de Instagram de Cyrus. (T10 SD41)

Cantora falou sobre o distúrbio em entrevista para a revista People. (T11 SD43)

Mariah Carey é capa da revista People nesta semana e, na matéria produzida pela publicação, a cantora fala pela primeira vez sobre sua luta contra o transtorno bipolar. (T11 SD43)

Por fim, apesar de não termos uma recorrência desta formação dentro do recorte temporal tão alta quando comparada com as outras formações discursivas, podemos depreender que os sentidos de genialidade, midiaticização e revelação compõem um construto imaginário acerca do TAB. Tal construto, logicamente, não é proveniente somente da empresa jornalística - mas constituído a partir de outros produtos midiáticos como cinema, música e literatura.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou compreender os sentidos construídos nas reportagens e notícias do Portal G1 acerca do transtorno afetivo bipolar no período que compreende 2013 a 2023. Durante a análise do *corpus*, foram encontradas cinco formações discursivas: “Patologizante”, “Estigmatizante”, “Neurodiversidade” e “Romantização”

Nesse sentido, encontramos uma prevalência de duas Formações Discursivas - “Estigmatizante”, com representatividade de 41,46% do total de sequências discursivas; e “Patologizante”, com representatividade de 31,71%. Há que se notar que o destaque para os sentidos “criminalizantes” que surgem com as narrativas de ocorrências policiais envolvendo assassinatos, estupro, agressões e episódios de racismo. Nesse sentido, o estigma produzido nessas sequências denota-se a partir da alegação do transtorno bipolar como uma tese jurídica formal que coloca em cheque as faculdades mentais dos acusados. Ocorre também uma alegação informal e apenas declaratória dos sujeitos envolvidos que possuem tal diagnóstico

sem a apresentação do laudo médico. Em ambos os casos a conotação criada pelo texto jornalístico dá a entender que o ato decorre do transtorno bipolar - num sentido generalizante. Não raro podemos notar nas sequências discursivas elencadas o complemento da oração que surge na intenção de ressaltar que existiu o ato criminoso e que o sujeito é adjetivado com o transtorno. Dessa maneira, a recorrência dessa formação favorece o construto imaginário de que o indivíduo bipolar está propenso a tais atitudes e está quase sempre associado à notícia da sua prisão. Faz-se importante mencionar que não se tratam de quaisquer ocorrências, mas de crimes hediondos, o que aumenta a carga de sentido sobre o estigma. Uma outra perspectiva analisada dentro dessas mesmas sequências discursivas é a questão do laudo como um atenuante para evitar ou diminuir a imputação de culpa - ajudando de certa forma a banalizar o TAB enquanto diagnóstico e reduzindo-o à uma ferramenta utilizada na composição das defesas dos réus - utiliza-se, pois, do transtorno bipolar como um nexos causal para a ação criminosa e violenta. Ainda no sentido da Formação Discursiva Estigmatizante, temos em segunda maior ocorrência as notícias ligadas aos desaparecimentos. Nesse caso, o desaparecimento torna-se notório a partir da qualificação e relação de causa e efeito que existe entre desaparecimento e TAB. Em uma das notícias, temos um exemplo elucidativo em que o nome do sujeito desaparecido não é sequer citado no título, subtítulo ou lide da notícia. mas antes disso surge a informação de que ele é portador da condição bipolar. Outro exemplo interessante de considerar é aquele em que o TAB é o sujeito da ação - como se o próprio transtorno fosse o causador do desaparecimento.

Por sua vez, a segunda Formação Discursiva mais recorrente é a Patologizante . Nos excertos extraídos podemos observar a ocorrência de uma função da linguagem referencial - utilizando-se dos conhecimentos do campo médico para tratar da temática. Dentro desta perspectiva surgem os sentidos de doença, transtorno e disfunção. Faz-se interessante mencionar que a patologização do transtorno não é suficiente por si só para produzir um efeito estigmatizante, pois dado o caráter referencial do discurso ele não qualifica ou adjetiva o transtorno - apenas o discrimina, delimita e define segundo o campo médico. Na mesma esteira destes primeiros sentidos elencados, surgem aqueles ligados à sintomatologia ou nosologia do transtorno bipolar - em que os sentidos são da ordem dos “sintomas” e “sinais” do TAB - referindo-se ao quadro clínico e não a uma valoração do comportamento. Existem ainda aqueles sentidos ligados à medicalização do transtorno como uma possibilidade de tratamento, bem como estudos divulgados que reforçam a linguagem próxima à uma divulgação científica mas que incorrem na produção de sentidos favoráveis a um certo

sensacionalismo. Isso se torna evidente nos lides dos textos T8 e T9 que tratam da relação entre alteração no relógio biológico e TAB; e gripe na gravidez como fator de risco para causar o transtorno bipolar. Dentro das mesmas publicações ainda temos as ressalvas do estudo: de que eles são inconclusivos ou os riscos baixos.

Por sua vez, invertendo a ordem da recorrência das Formações Discursivas, temos a “Romantização”, constituída pelos sentidos ligados à notoriedade dos sujeitos envolvidos, e marcados pela expressão de “revelação” do diagnóstico e “migmatização” em torno das declarações acerca de tal revelação. Nesse sentido, a romantização acontece pela associação da ideia de criatividade e arte ao transtorno bipolar. Faz-se importante mencionar que não se trata somente da associação ao transtorno bipolar, mas sobretudo à ideia de loucura.

Dessa forma, independentemente da recorrência de TAB entre artistas, ou da similaridade do comportamento artístico em relação aos comportamentos engendrados pelo transtorno - alcunhados pela autora como temperamento maníaco-depressivo - a aproximação construída entre os pares artista-loucura e ou TAB-arte, tem caráter de romantização. Nessa mesma ideia estão as sequências discursivas que versam sobre a ideia de brilhantismo e genialidade: atribuindo e imputando ao portador da condição tal adjetivação.

Por último, temos a Formação Discursiva da “Neurodiversidade”, que se constrói em oposição às formações 1) “Patologizante”; 2) “Estigmatizante” 3) e da “Romantização”. Isso acontece pelo fato de as sequências discursivas ligadas à Neurodiversidade 1) evidenciarem outras formas de tratamento e possibilidades de qualidade de vida; 2) nomearem a presença de um estigma em relação à saúde mental e ao transtorno bipolar: postulando que é o estigma o sujeito imaginário da violência; 3) relativizarem o conceito de genialidade e criatividade.

Assim, há que se pontuar que as formações “Patologizante” e “Estigmatizante” estão mais estruturadas em torno de sentidos coesos, com uma ocorrência alta de sequências discursivas - criando narrativas de maior fôlego em torno daqueles sentidos. Com isso, a falta de recorrência em volume de SDs da Neurodiversidade corroboram a visão de que o portal trabalha - em sua linha editorial - num sentido oposto a ela. Por fim, ao analisarmos as SDs e as formações discursivas ao longo do tempo, temos que no total, o maior percentual de SDs está nos anos de 2013 e 2018, com 23,26% e 20,71%. Nesses anos, as sequências discursivas de maior recorrência são as Patologizantes. Em termos evolutivos, por sua vez, a partir de 2020 tivemos uma redução nas quatro formações discursivas: a representatividade sobre o total é de 1% em 2021; 1% em 2022 e 2,01% em 2023. Nesse sentido, não podemos dizer que

existe um padrão de aumento ou diminuição em qualquer uma delas que evidencie uma alteração no posicionamento dos sentidos no Portal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, H.; KESSLER, F. & RATTO, R. L. C. (2004). **Comorbidade: uso de álcool e outros transtornos psiquiátricos**. Revista Brasileira de Psiquiatria, 26(1), 51-53.

American Psychiatric Association (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5 Porto Alegre: Artmed, 2014,

BENETTI, Marcia. Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (Org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

BENETTI, Marcia. **O jornalismo como gênero discursivo**. Revista Galáxia, São Paulo, n. 15, 2008.

BERGANZA CONDE, Maria Rosa. **Periodismo Especializado**, Madrid. Ediciones Internacionales Universitarias. 2005

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas (2008). **A Construção social da realidade**. 28. ed. Petrópolis: Vozes

BERTOLLI FILHO, Claudio. **Elementos fundamentais para a prática do jornalismo científico**. In: Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2006. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bertolli-claudio-elementos-fundamentais-jornalismo-cientifico.pdf>>.

BOURDIEU, Pierre. **Questões da Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo científico no Brasil: os desafios de uma trajetória. In PORTO, CM., org. **Difusão e cultura científica: alguns recortes** [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em

<<https://books.scielo.org/id/68/pdf/porto-9788523209124-06.pdf>>.

CHARAUDEAU, Patrick 2004. Gênero de discurso. In: CHARAUDEAU, Patrick, CORNU, Daniel. **Jornalismo e verdade: para uma ética da informação**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

EDLER, Flavio Coelho. **A MEDICINA BRASILEIRA NO SÉCULO XIX: UM BALANÇO HISTORIOGRÁFICO**. Asclepio, Madrid, v. 2, n. 1, p.169-186, maio 1998.

Disponível em:

<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&ved=0CCgQFjAA&url=http://asclepio.revistas.csic.es/index.php/asclepio/article/download/341/339&ei=AnaSUpHOM8q1kQer54CwAw&usg=AFQjCNEfCXxwvSFnV5-1vVrBbN55nfahRw&sig2=4kCPfpNAn3Zk5QU_CQFndQ&bvm=bv.56988011,d.eW0>. Acesso em: 5 ago. 2023.

FOUCAULT, Michel (1995). **A arqueologia do saber**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária

FRANCISCATO, Carlos Eduardo (2005). **A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais**. São Cristóvão: Editora UFs/Fundação Oviedo Teixeira.

GOODWIN, F.; JAMISON, K. - **Manic Depressive Illness** New York/Oxford, Oxford University Press, 1990.

HALL, Stephen S. Human Cloning and Stem Cells. In: BLUM, Deborah e KNUDSON, Mary (eds.). **A field guide for science writers: the official guide of the National Association of Science Writers**. New York: Oxford University Press, p. 197–208, 2006.

HALL, Stuart *et al.* A produção social das notícias: o *mugging* nos media. In: TRAQUINA, Nelson (org). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1993. HELLSTEN, Iina. Dolly: scientific breakthrough or Frankenstein’s monster? Journalistic and scientific metaphors of cloning. **Metaphor and Symbol**, Mahwah, v. 15, n. 4, p. 213-221, 2000.

JAMISON, Kay. **Touched With Fire: Manic-Depressive Illness and the Artistic Temperament**. New York : Toronto : New York, Free Press, 1993.

JAMISON, Kay Redfield. **Uma mente inquieta: memórias de loucura e instabilidade de humor**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

KRAEPELIN, E. - **Dementia Praecox and Manic-Depressive Insanity The Classics of Psychiatry and Behavioural Sciences**. Library, New York, 1989.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalismo, saúde e cidadania**. Interface - Comunicação, Saúde, Educação, v4, 2000. p.181-186

MAINGUENEAU, Dominique (Org.). **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto.

MIRANDA, Amanda. **Do todo à parte: curso e percurso do jornalismo especializado em saúde**. Tuiuti: Ciência e Cultura, n. 48, p. 135-146, Curitiba, 2014.

- NEVEU, Erik. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Loyola, 2006.
- OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo Científico**. São Paulo: Contexto, 2003. OLIVEIRA, T. *et al.* Politização de controvérsias científicas pela mídia brasileira em tempos de pandemia: a circulação de preprints sobre Covid-19 e seus reflexos. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 10, n. 1, 2021.
- ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2000.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1995.
- PINTO, Milton José. **Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos**. 2. ed. São Paulo: Hacker, 2002.
- RATZAN, S. C. **Health Communication as negotiation**. *Am. Behav. Sci.*, v.38, p.224-7, 1997.
- REGINATO, Gisele Dotto. **As finalidades do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2019.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da Comunicação. Questão Comunicacional e Formas de Sociabilidade**. Lisboa: Presença, 1990.
- _____. **Experiência, modernidade e campo dos media**. In: BOCC Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. V. 1, p.1-32, 1999
- SINGER, Judy. 1999. **“Why can’t you be normal for once in your life?” From a ‘problem with no name’ to the emergence of a new category of difference**”. In: M. Corker & S. French (orgs.). *Disability discourse*. Buckingham, Philadelphia: Open University Press. pp. 59-67.
- TAVARES, Frederico de Mello Brandão. **O jornalismo especializado e a especialização periodística. Estudos em Comunicação**, Curitiba, v. 5, n. 1, p.115-133, maio 2009. Disponível em: <<http://www.ec.ubi.pt/ec/05/pdf/06-tavares-acontecimento.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2023
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005.
- TUCHMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega. p. 74-90, 1993.
- _____. **Making News: a study in the construction of reality**. New York: The Free Press, 1978.

WOLF, Mauro (1995). **Teorias da comunicação**. 4. ed. Lisboa: Presença.